



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MARIA JANETE SILVA GONÇALO

**A VARIAÇÃO NO USO DAS PREPOSIÇÕES *A*, *EM* E *PARA* COM
VERBOS DO TIPO *IR* E *CHEGAR*: UM ESTUDO DE DADOS DE FALA
DO SERTÃO PERNAMBUCANO**

SERRA TALHADA – PE

2018

MARIA JANETE SILVA GONÇALO

**A VARIAÇÃO NO USO DAS PREPOSIÇÕES *A*, *EM* E *PARA* COM
VERBOS DO TIPO *IR* E *CHEGAR*: UM ESTUDO DE DADOS DE FALA
DO SERTÃO PERNAMBUCANO**

Monografia apresentada como requisito final para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), sob a orientação da profa. Dra. Dorothy Bezerra Silva de Brito.

SERRA TALHADA – PE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

G635v Gonçalo, Maria Janete Silva

A variação no uso das preposições A, EM e PARA com verbos do tipo IR e CHEGAR: um estudo de dados de fala do sertão pernambucano / Maria Janete Silva Gonçalo. – Serra Talhada, 2018.

68 f.: il.

Orientadora: Dorothy Bezerra Silva de Brito

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2018.

Inclui referências, apêndice e anexo.

1. Preposição. 2. Língua portuguesa - Variação. 3. Língua portuguesa - Português falado - Pernambuco. 4. Língua portuguesa - Verbos. I. Brito, Dorothy Bezerra Silva de, orient. II. Título.

CDD 400

**A VARIAÇÃO NO USO DAS PREPOSIÇÕES *A*, *EM* E *PARA* COM
VERBOS DO TIPO *IR* E *CHEGAR*: UM ESTUDO DE DADOS DE FALA
DO SERTÃO PERNAMBUCANO**

Monografia apresentada como requisito final para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras pela
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) –
Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), sob a
orientação da profa. Dra. Dorothy Bezerra Silva de
Brito.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Dorothy Bezerra Silva de Brito (orientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) / Unidade Acadêmica de Serra Talhada
(UAST)

Adeilson Pinheiro Sedrins (avaliador)
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) / Unidade Acadêmica de Garanhuns
(UAG)

Jair Gomes de Farias (avaliador)
Universidade Federal de Alagoas (UFAL) / Faculdade de Letras (FALE)

SERRA TALHADA – PE

2018

*Dedico este Trabalho, com muito carinho, à
minha filha Safira, a quem eu gostaria de ter
dedicado mais tempo.*

AGRADECIMENTOS

Já se deu conta do como a vida se transforma de forma quase que imperceptível? Assim também é a língua. Quando nos damos conta ela já está em processo de transformação e foi a beleza da mudança que me inspirou a seguir nesse processo investigativo. Viver significa mudar e mudar significa que estamos nos transformando em algo a ser descoberto, enigmático.

Pensando nessa transformação inevitável, faço jus à essência do meu Deus em minha vida, que sendo alicerce da minha fé me fez crer que todos os sonhos são possíveis e que por mais difícil que possa parecer essa jornada, seu espírito me guia e fortalece a cada passo. A certeza da tua existência foi crucial para que conseguisse me manter de pé diante de tantos percalços. És Deus e ninguém é capaz de te explicar, senão crer.

Se a Deus agradeço pela força inesgotável, ao meu ex-professor Marcelo Sibaldo agradeço pelo incentivo em imergir no mundo da linguística. Foi vendo você amar esse mundo que me apaixonei pela área, fonte da qual retirei grandes aprendizados e possibilidades. A ti, o meu mais sincero agradecimento. Muito obrigada por perceber e me mostrar um potencial a ser explorado.

Foi amando que fui atraída pelo tamanho empenho e profissionalismo do ilustre professor e orientador de longa data, Adeilson Pinheiro Sedrins. Sua serenidade e atenção me possibilitaram crescer dentro das minhas possibilidades; sem desacreditar do meu potencial me aproximou ainda mais do mundo das pesquisas sociolinguísticas, fazendo com que minha inclinação por pesquisas na área só aumentassem. Obrigada pelas muitas experiências adquiridas ao longo dessa graduação. Seu empenho e colaboração foram essenciais para que chegasse até a fase de conclusão. Muito embora tenhas dado um novo rumo à tua trajetória, agradeço imensamente por todos os conhecimentos que construímos juntos e te mando boas vibrações para que continues a ser esse grande profissional que és!

Por falar em mudanças, faço grande respaldo à calma que a minha orientadora Dorothy Brito me fez experienciar. Em um momento onde tudo passa muito rápido, onde a atenção se volta para a conclusão do curso, você me fez perceber que com calma podemos fazer todas as atividades de maneira satisfatória. Agraço pela paciência e atenção em nossos momentos de orientação, auxiliando-me de maneira exímia na concretização desse trabalho. Muito obrigada por tudo que me ajudaste a concretizar.

Pensando em possibilidades, agradeço à UFRPE-UAST pelo acolhimento dado a mim e as possibilidades que a instituição me possibilitou vislumbrar. Ao passo que agradeço pelo acolhimento, torço para que essa casa continue a agraciar e acompanhar a geração de universitários que almejam um título de nível superior, podendo assim acreditar em um futuro mais promissor. A tua curta existência faz com que tua presença se torne ainda mais majestosa na vida daqueles que passaram e passarão por aqui (mas não ao ponto de queres a emancipação, tua grandeza está na capacidade de acolhimento – estruturalmente falando, muitos ajustes devem ser feitos).

Indo na raiz da minha existência, agradeço imensamente às duas pessoas que me possibilitaram a continuidade dos meus estudos: à Terezinha Estevam e José Estevam, a minha eterna gratidão pelo apoio incansável e tamanho amor para com minha filha Safira, fruto do meu período na graduação. Sem vocês nada disso teria se concretizado. São verdadeiros anjos enviados à Terra e cujos caminhos cruzaram-se (felizmente) com o meu.

Permeando as entrelinhas desse percurso, agradeço ao NAOC (Núcleo Assistencial Orlando Celso), na pessoa de Joselito Rodrigues, Marleide Oliveira, Alexsandra Xavier e Teresa Silva pela compreensão e contribuição para que continuasse meus estudos. A ajuda de vocês, mesmo que de forma indireta, foi essencial para que chegasse até esse momento majestoso.

De maneira especial, quero agradecer à pessoa que me ajudou incansavelmente durante a realização dos meus estágios: à Thalya Estevam, o meu muito obrigada pela disponibilidade, disposição e amor para com minha pequena joia. Você é umas das pessoas mais importantes desse processo e sua contribuição muito me ajudou!

Como fruto de uma política pública que revolucionou o status e a qualidade da educação no Sertão Pernambucano, não poderia deixar de agradecer (imensamente) ao ilustríssimo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva o qual, valendo-se de sua grandeza de espírito, vislumbrou e concretizou a instituição na qual iniciei e concluí minha graduação. Sua delicadeza e seu olhar para os que mais necessitam me possibilitaram a concretização desse sonho. Eternizo a importância da sua pessoa com o diploma que me coroa o curso. #LulaLivre!

Finalizando meus agradecimentos, cito o eterno Belchior, que na composição intitulada “Conheço meu Lugar” canta:

[...]

Era uma vez um homem e o seu tempo
Botas de sangue nas roupas de Lorca

Olho de frente a cara do presente e sei
Que vou ouvir a mesma história porca
Não há motivo para festa: Ora esta!
Eu não sei rir à toa!

Fique você com a mente positiva
Que eu quero é a voz ativa (ela é que é uma boa!)
Pois sou uma pessoa
Esta é minha canoa: Eu nela embarco
Eu sou pessoa!
A palavra pessoa hoje não soa bem
Pouco me importa!

Não! Você não me impediu de ser feliz!
Nunca jamais bateu a porta em meu nariz!
Ninguém é gente!
Nordeste é uma ficção! Nordeste nunca houve!

Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: Conheço o meu lugar!

Eu não me calo! E vou permanecer na luta por uma educação transformadora, uma
educação que liberte a nossa imaginação ao invés de aprisionar nossos sonhos!

À todos vocês, o meu muito obrigada!

“Quando falamos uma língua sabemos muito mais do que aquilo que aprendemos.”

Noam Chomsky

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central investigar o uso das preposições *a*, *em* e *para* diante de verbos de movimento do tipo IR e CHEGAR na língua falada no sertão pernambucano, com vistas a oferecer um quadro descritivo-explicativo sobre o uso e variação desses itens nas comunidades analisadas, sob a perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972) e da Teoria generalizada dos Papéis Temáticos. Analisa-se, portanto, contextos de variação entre as preposições *a*, *em* e *para*, a fim de verificar como ocorre a dinâmica da variação e que fatores poderiam favorecer o uso de uma preposição em detrimento de outra. Para isso, foi analisado um *corpus* com dados de fala de informantes provenientes das cidades de Afogados da Ingazeira, Triunfo e Serra Talhada, todas localizadas no interior pernambucano. Apresenta-se neste trabalho a descrição de um panorama no qual torna-se perceptível o quão variável é o uso das preposições em questão. Para tanto, foi selecionado um total de 136 ocorrências das preposições *a*, *em* e *para*, em contextos em que é possível a variação linguística entre essas preposições. A análise dos dados foi feita considerando as seguintes variáveis linguísticas dependentes: natureza do sujeito (+animado) e [-animado]; tipo verbal: IR e Chegar; complemento verbal do SP (Locativo e Meta) e os traços semânticos do SP que foram classificados como [+permanente] e [-permanente] e [+definido] e [-definido]; também foi considerada a variável extralinguística escolaridade (nível fundamental, médio e superior). Considerando esses fatores (dependentes e independentes) realizou-se, por meio do programa de computador GOLDVARB-X, a análise quantitativa dos dados que apontam para o fato de que a preposição PARA é mais recorrente em contextos de fala, bem como se constatou que os traços [+permanente] e [-permanente] atrelado a ideia de Locativo (+definido) e Meta [-definido] são determinantes para o processo de variação linguísticas entre as preposições A, EM e PARA no sertão pernambucano. A análise é desenvolvida baseada nos pressupostos teórico-metodológicos abordados por Labov (1972), Cançado (2003), Cançado (2016), Tarallo (1986), Farias (2005), Ribeiro (1996), e Ramos (1989).

Palavras-chave: Preposições; Variação linguística; Papéis Temáticos.

ABSTRACT

The present work has the main objective to investigate the use of prepositions in and out of IR-type movement verbs and to arrive in the language spoken in the pernambucan hinterland, in order to provide a descriptive-explanatory framework on the use and variation of these items in the analyzed communities, under the theoretical-methodological perspective of Theory of Linguistic Variation (LABOV, 1972) and the generalized theory of thematic roles. We analyze, therefore, contexts of variation between the prepositions *a*, *in* and *for*, in order to verify how the dynamics of the variation occurs and what factors could favor the use of one preposition to the detriment of another. For that, a corpus was analyzed with speech data from informants from the cities of Afogados da Ingazeira, Triunfo and Serra Talhada, all located in the hinterlands of Pernambuco. This paper presents a description of a panorama in which it becomes perceptible how variable the use of the prepositions in question is. For this, a total of 136 occurrences of the prepositions were selected in contexts where the linguistic variation between these prepositions is possible. The analysis of the data was made considering the following dependent linguistic variables: nature of the subject (+ animated) and [-animated]; verbal type: GO and GET; (Locative and Meta) and the semantic features of SP that were classified as [+permanent] and [-permanent] and [+defined] and [-defined]; was also considered the variable extralinguistic schooling (fundamental, middle and higher level). Considering these factors (dependent and independent), the GOLDVARB-X computer program was used to quantitatively analyze data that point to the fact that the preposition *in* is more recurrent in speech contexts, as well as (+defined) and Meta [-defined] are determinants for the process of linguistic variation between the prepositions *A*, *EM* and *PARA* in the hinterlands of Pernambuco. The analysis was developed based on theoretical assumptions and methodological addressed by Labov (1972), Caçado (2003), Caçado (2016) Tarallo (1986), Farias (2005), Ribeiro (1996) and Ramos (1989).

Keywords: Prepositions; Linguistic variation; Thematic Roles

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura I: Caracterização de variável e variantes linguísticas

Tabela I: Fatores contemplados na análise

Tabela II: Classificação do Sujeito ([+animado] e [-animado])

Tabela III: Papel Temático do SP

Tabela IV: Traços semânticos do SP 1

Tabela V: Traços semânticos do SP 2

Tabela VI: Tipo verbal recorrente

Tabela VII: Relação entre o complemento do SP e os traços semânticos [+permanente] e [-permanente]

Tabela VIII: Relação entre o complemento do SP 2 e Complemento do SP 2

Tabela IX: Relação entre os traços semânticos [-permanente] e [+permanente] e [-definido] e [+definido]

Tabela X: Fator escolaridade

SUMÁRIO

1	Introdução.....	13
2	A semântica enquanto uma teoria gramatical: Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos	19
2.1	Valor Semântico das preposições	29
2.2	Teoria Variacionista: Algumas notas.....	32
3	Metodologia	39
3.1	Afogados da Ingazeira	43
3.2	Triunfo	44
3.3	Serra Talhada	44
4	A variação no uso das preposições A, EM e PARA com verbos do tipo IR e CHEGAR: Um estudo de dados de fala do sertão pernambucabno.....	45
5	Conclusões	59
6	Referências Bibliográficas	60
	Anexos/ Apêndice	62

1 INTRODUÇÃO

Conforme é apresentado na *Nova gramática do português contemporâneo* de Celso Cunha, preposições “são as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que **o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE)**” (grifo nosso) (CUNHA, 2007, p. 569).

Por outro lado, confrontando a nomenclatura do termo preposição, a *Nova gramática do português brasileiro* de Ataliba de Castilho define as preposições como sendo o núcleo de um *sintagma preposicional*, ressaltando assim suas funções sintática e semântica. Nos termos do autor, preposições são:

Palavras invariáveis que atuam como núcleo do sintagma preposicional, desempenhando as seguintes funções: (i) função sintática: ligação de palavras e de sentenças; (ii) função semântica: atribuição ao seu escopo de um sentido geral de localização no espaço [...] (CASTILHO, 2010, p. 583)

Partindo dessas definições, retomam-se aqui as considerações trazidas por Castilho (2010) de que, em meio às propriedades que as preposições simples trazem consigo, é possível classificá-las como sendo mais gramaticalizadas ou menos gramaticalizadas, de modo que elas podem ser melhor analisadas a partir da compreensão desse traço:

As mais gramaticalizadas (i) podem mais facilmente ser amalgamadas a outros elementos linguísticos: pelo, co'a, cocê, ao, àquela, no, num, nisto, do, dum, disso, docê, pro, prum, praquilo, procê etc.; (ii) possuem valor semântico mais complexo; (iii) podem funcionar como introdutoras de argumentos como de adjuntos de verbo; e (iv) são mais frequentes que as menos gramaticalizadas. (CASTILHO, 2010, p. 587)

Sabe-se que “a tradição gramatical brasileira, da mesma forma que a norma europeia, prescreve a seleção de preposições direcionais para verbos como *chegar, vir, ir*. No entanto, na fala coloquial, a preposição locativa *em* alterna com as preposições *a/ para* com esses verbos” (VIEIRA, 2009, p. 424). Segundo Vieira (2009), “as preposições não têm tido um tratamento adequado nas gramáticas, uma vez que as descrições são fragmentadas e esparsas, localizadas em partes não relacionadas entre si” (p. 424). Corroborando com essa discussão, Kewitz (2007, p. 30) retoma estudos sobre preposições, atentando para a linha de pesquisa seguida por linguistas na literatura sobre preposições:

Diferentemente das gramáticas, os estudos linguísticos sobre as preposições procuram sempre contextualizá-las sintática ou semanticamente sob o ponto de vista histórico ou dos usos das línguas contemporâneas. Embora o foco sejam as preposições, não deixam de lado, em sua maioria, a função sintática que elas desempenham, especialmente Objeto Indireto, Complemento oblíquo e Adjunto Adverbial.

É válido ressaltar que, ao longo dos tempos, a língua enquanto objeto de estudo vem apresentando um quadro de mudanças constantes no seu uso, o que, frequentemente tende a ir em desencontro com o que é proposto pela gramática tradicional, mas que tem como foco construções que são totalmente aceitas e produzidas pelos falantes. Dessa forma, assume-se que essa é uma classe que atua de uma forma que transcende a função sintática que é reconhecida como pertencente à norma culta, contrariando, assim, a tese de que as preposições são palavras vazias de sentido. Observemos a sentença citada em Cunha em *a*) e retomada aqui em (1a):

(1) (a) Agora, não lhe interessava ir **para** o Huamba. (Castro Soromenho, TM, 200 apud CUNHA, 2007, p. 587) Cf: Agora, não lhe interessava ir **em** Huamba.

Nota-se que em (1a) é apresentada uma sentença cujo complemento é inserido por meio da preposição *para*, no entanto, é notório que a alternância do *para* pelo *em* causa uma mudança tanto na sintaxe quanto na semântica da sentença, evidenciando assim o traço de [+permanência] que a preposição *para* possui em determinadas construções sintáticas e o qual já fora constatado por Farias (2006). Dessa forma, assume-se que o *em* e o *a* não apresentam essa mesma função, sendo classificadas com o traço [-permanência]¹.

Considerando os dados em questão e as definições apresentadas pelas gramáticas normativas, faz-se o seguinte questionamento: se se assume que as preposições são vazias de sentido, como justificar o fato de ter havido uma mudança semântica nas orações?

Sob esta perspectiva, assume-se que a função das preposições excede não só a nomenclatura que lhe é dada, mas também o sentido que não é reconhecido, ou melhor, não é atribuído pela gramática normativa, limitando-as às funções de localização espacial e temporal. Com isso, é válido ressaltar que “a preposição é talvez a categoria sobre a qual se encontram na literatura linguística as observações mais díspares” (XAVIER, 1989, p. 42 apud

¹ Mais adiante serão apresentados e discutidos os dados da pesquisa, os quais servirão para esclarecer mais acerca desse traço semântico.

FARIAS, 2006, p. 212). Pensando nas peculiaridades das preposições, é válido retomar algumas questões pontuais, trazendo uma breve apresentação sobre essa classe gramatical.

A preposição *a* é oriunda da preposição latina *ad*, a qual indicava ‘direção’ ou ainda ‘aproximação’, expressando assim a ideia de movimento. Também indicava ‘junto de’ ou ‘ao pé de’, em que era anulada a ideia de movimento.

Conforme Cunha (2007), a preposição *A* desempenha diferentes funções, podendo indicar: (i) movimento, que viria a ser “direção a um limite” (p.576) e (ii) situação, que é “coincidência, concomitância” (p. 577). Observemos os exemplos abaixo, os quais foram retirados de Cunha (2007, p. 576) em (1 a, b, e c) e retomados aqui como (2), (3) e (4).

(2) Do leme **ao** posto 6, a viagem é proporcionada aos recursos menores de que disponho (grifo do autor) (C. Drummond de Andrade, CB, 40)

(3) - Daqui **a** 1 semana o senhor vai lá em casa (grifo do autor) (C. Drummond de Andrade, BV, 18)

(4) A sua vida com o marido vai de mal **a** pior. (grifo do autor)² (J. Paço d’Arcos, CVL, 937)

Segundo o autor, “a relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar ou não movimento; [...] pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante” (CUNHA, 2007, p. 570). Depreende-se assim, que a preposição *A* pode indicar um movimento (no tempo, no espaço e na noção³) ou ainda uma situação (no espaço, no tempo e na noção). A partir dessas colocações, observa-se que os verbos transitivos indiretos (VTIs) requerem, assim, um complemento que seja regido por uma preposição, no caso em questão, preposições mais gramaticalizadas e, portanto, funcionais.

Em seu trabalho intitulado “Preposições e os verbos transitivos indiretos: interface sintaxe-semântica lexical”, Godoy realiza uma descrição classificatória na perspectiva da semântica lexical acerca dos verbos transitivos indiretos que são encabeçados por preposições. Segundo a autora:

Verbos de trajetória como *ir* e *vir* são VTIs, pois selecionam um argumento preposicionado (ou até dois) para a sua saturação. Podemos

² O autor apresenta a preposição *A* com relação ao seu conteúdo significativo tanto na forma que indica movimento quanto na ideia de situação. Contudo, restringimos a nossa ação às definições que cabem aqui nesse trabalho, que é a ideia de movimento. Na gramática, Cunha discute a preposição *A* entre as páginas 576 a 578.

³ Tal termo refere-se à ideia de consciência; um conhecimento intuitivo, a exemplo do dado (4) acima.

chamar tais verbos de “VTIs com preposição cambiável”, pois aceitam a troca de uma preposição por outras de sentido compatível [grifo nosso] (GODOY, 2008, p. 52).

Sobre essa assertiva, é válido ressaltar que, a depender do tipo de verbo, as preposições podem desempenhar funções predicadoras ou funcionais. “Porém, as preposições funcionais só aceitam a troca quando é mantido o sentido da predicação (compatibilidade entre o sentido da preposição e o papel temático atribuído pelo verbo ao DP que ela introduz)” (GODOY, 2008, p. 53).

Partindo para as definições atribuídas à preposição PARA⁴, Cunha (2007), estabelece que ela é uma preposição que indica movimento, ou seja, “uma tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se de *a* por conter um traço significativo que implica *maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento*”. (p. 586 – grifo nosso).

A mesma regra se aplica à preposição EM, que assim como as demais preposições, apresenta funções bastante distintas no que concerne ao seu uso dentro da fala. Segundo Neves (2000), “a preposição EM funciona no sistema de transitividade, introduzindo complemento de verbo”, em que “o complemento se refere ao objeto transformado, ao resultado (com verbo de transformação)”.

Segundo Cunha (2007), a preposição EM⁵ pode também indicar movimento, ou seja, a “superação de um limite de interioridade” (p. 584) e situação, que indica a “posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de” (p. 584), o que pode ser observado nas sentenças extraídas de Cunha (2007, p. 584 – (1 a, b e c)) retomadas aqui como (5), (6) e (7).

- (5) Os Garcias entraram **em** casa calados (V. Nemésio, MTC, 194)
- (6) Nazário visitava-as de quando **em** quando (Coelho Netto, OS, I, 81)
- (7) Meu ser desfolha-se em íntimas lembranças, que revivem... (Teixeira de Pascoaes, OC, VII, 140)

Indo além, a preposição em pode aparecer em diferentes situações, acompanhando diferentes classes gramaticais (substantivos, advérbios, adjetivos e verbos). Assim sendo, a preposição em questão pode receber diferentes influências do contexto em que é produzida.

⁴ Tomamos para este trabalho apenas as definições que refletem a ideia de movimento. O autor apresenta a preposição PARA entre as páginas 587 a 588.

⁵ Novamente, apresenta-se aqui apenas a ideia de movimento acarretada pelo uso da preposição. Na obra, a preposição EM é apresentada nas páginas 584 e 585.

Dessa forma, atribui-se também à preposição EM a possibilidade de aparecer com verbos de movimento do tipo *ir* e *chegar*, o que é, do ponto de vista da norma culta, algo que não deve-(ria) acontecer.⁶

Conforme o tipo de verbo (supõe-se que seja de movimento) há a necessidade de um sujeito (ocupando a periferia esquerda do verbo) e um objeto (direto ou indireto) ou complemento verbal. Essa necessidade dá-se pela transitividade do verbo, logo, é necessário a presença desse segundo argumento (complemento) para completar o verbo – em se tratando de escrita, essa complementação verbal é mais recorrente do que na fala.

Logo, trata-se de um aspecto cuja função é preestabelecida pelo verbo que atua como núcleo da oração, de modo a apresentar ou não a necessidade de um complemento – o que ocorre, necessariamente diante verbos transitivos. Semanticamente, verbos de movimento requerem pelo menos dois argumentos, constituindo, assim uma sentença baseada na seguinte ordem: SUJEITO – VERBO – COMPLEMENTO.

Pensando na formalidade que expressa a gramática normativa e em quanto essa formalidade pode ser contrastada com as reais situações de uso, neste trabalho busca-se a elaboração de um quadro descritivo-explicativo acerca do uso das preposições A, PARA e EM nas línguas usadas nas cidades de Afogados da Ingazeira, Serra Talhada e Triunfo (cidades localizadas no interior de Pernambuco), apontando suas funções e a forma como foram produzidas pelos informantes, tomando como base a hipótese de que, em se tratando de fala, é impossível dimensionar o que é ou não permitido – quando se trata de língua oral é possível apenas delimitar o que é ou não gramatical, sob o pressuposto de que a língua é um sistema variável.

Assim sendo, propõe-se nesta pesquisa uma discussão descritiva acerca do uso das preposições A, EM e PARA diante verbos de movimento do tipo IR e CHEGAR, a fim de acrescentar às pesquisas já realizadas sobre o tema um quadro descritivo acerca da língua falada no sertão de Pernambuco, situando este trabalho na teoria da Sociolinguística Variacionista de William Labov (1972).

Para tanto, estrutura-se este trabalho da seguinte forma: no capítulo I será discutido sobre “A semântica enquanto uma teoria gramatical: Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos” no qual será apresentado, brevemente, algumas definições sobre a semântica lexical e as definições de papel temático adotadas para este trabalho; também será apresentada a Teoria da Variação Linguística de William Labov (1972), discorrendo-se sobre o papel da

⁶ Adiante, será discutida a relação entre o texto oral e práticas possíveis para sua análise, considerando, assim, o contexto informal em que o *corpus* deste trabalho foi produzido (entrevistas).

sociolinguística em pesquisas linguísticas, bem como os elementos que devem ser considerados nesse processo. No capítulo II consta a metodologia empregada no desenvolvimento desta pesquisa. No capítulo III está a análise dos dados selecionados para este trabalho. Em seguida serão realizadas algumas considerações sobre a pesquisa e, por fim, estarão as referências bibliográficas utilizadas neste trabalho.

A seguir, apresenta-se o capítulo I intitulado “A semântica enquanto uma teoria gramatical: Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos”, em que também será discorrido sobre a teoria laboviana acerca da variação linguística, dentro de suas particularidades e possibilidades de pesquisa, adentrando assim numa discussão mais específica sobre a teoria que dá sustentação a essa monografia.

2 A SEMÂNTICA ENQUANTO UMA TEORIA GRAMATICAL: TEORIA GENERALIZADA DOS PAPÉIS TEMÁTICOS

Retomando nossas discussões, é possível constatar tamanha discrepância entre os estudos linguísticos e as definições trazidas pela gramática normativa. Ressalta-se que alguns pesquisadores linguistas-gramáticos já atentam para essas mudanças linguísticas, as quais fazem necessário estudar e descrever, de modo que seja possível alcançar o curso de mudanças significativas na língua, o que só é possível a partir da constatação e reconhecimento dos fenômenos que nela se manifestam. Considerando este viés, observemos a seguinte sentença:

(1) Eu sou o homem mais rico do mundo.⁷

Atentando para os elementos que compõem essa sentença, pode-se inferir que o verbo *ser* denota um estado expresso pela forma pronominal *eu*. Indo além desse valor que é expresso por esses elementos e partindo para um viés semântico, pode-se dizer que “a palavra *mais* atribui grau à palavra *rico*”, que juntos remontam à ideia de um sujeito masculino que tem muitos bens materiais. Essa interpretação é válida em decorrência da organização sintática dos elementos que compõem tal sentença, o que permite uma significação a partir dos elementos internos à frase.

Partindo desse pressuposto, entende-se que “a semântica se ocupa do estudo sistemático do significado de palavras e de sentenças, estabelecendo seu escopo de estudo dentro do sistema, da estrutura, de uma língua natural, sem levar em conta elementos externos a esse sistema” (CANÇADO, 2016, p. 13). Contudo, mesmo entendendo a semântica enquanto um campo de estudo subsidiado por um sistema no qual são analisadas palavras e sentenças de uma língua natural, é necessário estabelecer um área cujo enfoque será dado, no caso, a semântica representacional, especificamente a semântica lexical, a qual preocupa-se em estabelecer uma relação entre a língua e as representações mentais. Segundo Cançado (2016, p. 16):

A semântica lexical, como um campo de estudo mais específico da semântica, ocupa-se primordialmente dos sentidos das palavras, estabelecendo relações entre propriedades linguísticas e o sentido dos itens lexicais. Dentro da abordagem

⁷ Exemplo 1 extraído de Cançado, 2016, p. 13 e retomado aqui também como (1).

representacional, o foco da Semântica Lexical é propor análises teóricas e descrições dos sentidos dos itens lexicais como representações mentais do que se pode chamar de Língua-I, nos termos de Chomsky (1995), ou seja, de uma capacidade mental individual e interna dos falantes, que permite que eles produzam e entendam sentenças em suas línguas nativas.

Ainda dentro do escopo da semântica lexical, há dois campos de atuação que merecem destaque. De um lado, há um grupo de estudos cuja preocupação é o sentido das palavras e a relação que se estabelece entre esses sentidos. Essa corrente é oriunda das décadas de 1930 a 1960, por meio da Linguística Estruturalista, cujos pressupostos teóricos são orientados pelos trabalhos de Ferdinand de Saussure. Dentro do campo de atuação desse grupo pode-se destacar alguns pontos que são referências nesta corrente teórica, são eles: o conceito de campo lexical, a análise componencial e a semântica relacional. Segundo Cançado (2016), o primeiro ponto (campo lexical) volta-se para a descrição de grupos de palavras que possuam relações de sentidos entre si e que se relacionam a uma mesma ideia, por exemplo:

(2) *Vestibular, disciplina, curso, habilitação, professor, currículo.*⁸

Dentro dessa perspectiva ainda reside a aplicação da semântica cognitiva cujo “objeto de estudo [...] é a relação entre o sentido das palavras e das sentenças e as capacidades cognitivas gerais dos seres humanos” (CANÇADO, 2016, p. 17), atentando para fenômenos linguísticos como a metáfora e a metonímia. Veja-se os exemplos abaixo:

(3) a. O vestibular abre muitas portas. (metáfora)

b. A graduação é uma janela para o sucesso profissional. (metáfora)

(4) a. Esse professor é muito difícil. (metonímia: a palavra *professor* pode designar a disciplina ministrada pelo professor)

b. Esse curso cobra muito dos alunos. (metonímia: a palavra *curso* pode designar o professor que ministra a disciplina)⁹

Retomando os pontos destacados nessa corrente teórica, tem-se a análise componencial, que embora não mais seja tida como uma perspectiva teórica foi bastante utilizada em diferentes áreas da linguística, como, por exemplo, a distribuição de restrições

⁸ Cançado, 2016, p. 17 – exemplo (4) retomado aqui como (2).

⁹ Cançado, 2016, p. 18 – exemplos (5 - a e b) e 6 - a e b) retomados aqui como (3 - a e b) e (4 - a e b).

selecionais verbais proposta por Chomsky (1965), por meio da qual é possível determinar os traços semânticos de determinado objeto.

(5) ¹⁰	homem:	<table border="1"> <tr><td>+ animado</td></tr> <tr><td>+ adulto</td></tr> <tr><td>+ humano</td></tr> <tr><td>+ masculino</td></tr> </table>	+ animado	+ adulto	+ humano	+ masculino	mulher:	<table border="1"> <tr><td>+ animado</td></tr> <tr><td>+ adulto</td></tr> <tr><td>+ humano</td></tr> <tr><td>- masculino</td></tr> </table>	+ animado	+ adulto	+ humano	- masculino
+ animado												
+ adulto												
+ humano												
+ masculino												
+ animado												
+ adulto												
+ humano												
- masculino												

A partir dos traços semânticos apresentados por determinados nomes é possível determinar o que o verbo pode ou não selecionar enquanto argumentos compositionais de determinada sentença, conforme pode ser observado nos exemplos (6) e (7), nos quais torna-se evidente que o verbo engravidar seleciona enquanto argumento um nome cujo traço semântico seja [-masculino], de modo que a primeira sentença é aceita enquanto a segunda é anômala:

- (6) A mulher engravidou
 (7) ?O homem engravidou

Entretanto, assim como outras teorias linguísticas, essa abordagem teórica critica as classificações estanques, ou seja, definições que partem do pressuposto de que todos os elementos constituintes de determinado grupo de nomes devam apresentar exatamente os mesmos traços semânticos. Nessa perspectiva teórica, Cançado (2016, p. 19) define que:

As categorias não são vistas como grupos bem delimitados de entidades com as mesmas características, mas como grupos de entidades em que há elementos mais prototípicos, ou seja, mais centrais, e elementos mais periféricos, ou seja, menos centrais. [...] Os elementos pertencentes às categorias são definidos a partir de seus traços semânticos.

Por outro lado, o grupo de estudos conhecido como semântica lexical volta-se para a determinação acerca de “quais propriedades semânticas têm impacto na estruturação sintática das sentenças” (CANÇADO, 2016, p. 17) e emerge, principalmente, com os trabalhos de Fillmore (1968, 1970, 1971). O autor realiza uma série de trabalhos nos quais estuda itens

¹⁰ Dado extraído de Cançado (2016, p. 19) – exemplo (7) retomado aqui como (5).

lexicais, especificamente a classe dos verbos, evidenciando que “há uma relação sistemática entre os papéis semânticos atribuídos por esses itens a seus argumentos e as estruturas sintáticas licenciadas por esses verbos” (CANÇADO, 2016, p. 21). Segundo Cançado (2016, p. 21) “o principal objetivo dessa área é determinar quais propriedades semânticas dos itens lexicais têm impacto na sintaxe, ou, em outras palavras, quais propriedades semântico-lexicais são gramaticalmente relevantes”.

Muitos autores tratam das funções semânticas dentro das perspectivas da semântica lexical, no entanto, é nos trabalhos de Fillmore (1968, 1970, 1971) que são apresentadas “as primeiras ideias sobre a determinação semântico-lexical da sintaxe, ou seja, a relação de papéis temáticos com a sintaxe” (CANÇADO, 2016, p. 21).

- (8) a. A Maria temperou a comida
 b. *temperar*: {Agente, Paciente}
- (9) a. A comida foi temperada pela Maria
 b. *A comida temperou.¹¹

A partir dos exemplos depreende-se dois conceitos básicos da ideia de papéis temáticos, o ‘agente’ e o ‘paciente’. Essas noções fazem parte da estrutura de verbos que requerem a realização de dois argumentos para que tenham um sentido completo, isso é, requerem a presença de um participante com traços [+animado] que age como agente e um objeto a ser afetado pela ação desse participante (paciente). Esse tipo de estrutura pode ser observado em (8). Com isso, “além de servir como importantes propriedades descritivas do sentido dos verbos, os papéis temáticos são importantes determinantes da configuração sintática desses itens” (CANÇADO, 2016, p. 22). Retomando o exemplo (9), observa-se que verbos agentivos podem passar para a voz passiva se estiverem na forma direta, no entanto não podem ocorrer na forma causativo-incoativa (9-b).

Em face dessas discussões, é válido salientar que a semântica lexical visa propiciar um estudo mais abrangente acerca da organização sintática e dos sentidos abarcados pelos itens lexicais que compõem determinadas sentenças. Pensando nisso, é importante estabelecer uma definição para léxico que se encaixe no tipo de pesquisa a qual se propõe desenvolver ao longo deste trabalho. Para tanto, adota-se a definição de Cançado (2016, p. 26) que afirma que “pode-se [...] pensar no léxico como o componente da gramática que contém todas as

¹¹ Cançado, 2016, p. 22 – exemplos (14 - a e b) e (15 - a e b) retomados aqui como (8 - a e b) e (9 - a e b).

informações sobre as propriedades estruturais dos itens lexicais, ou seja, sua especificação semântica, sintática e fonológica”.

Naturalmente, deve-se atentar para as propriedades sintático-semânticas dos verbos, de modo a determinar quais argumentos afetam ou não a realização verbal, o que direciona a atenção do pesquisador ao objeto de estudo de forma mais direta e para tanto, pode-se optar por meio da análise do denominador semântico comum dos verbos, isso é, deve-se atentar para as características semânticas do verbo para que se possa agrupá-los de acordo com suas características sintáticas. É pensando nesse papel determinante que Cançado (2016, p. 36) afirma que:

[...] Os estudos da Interface da Sintaxe-semântica Lexical têm como preocupação central estabelecer a relação entre a estrutura semântico-lexical dos predicados, principalmente dos verbos, e a estruturação e as propriedades sintáticas da sentença. Ou seja, objetiva-se tornar explícita a interferência da semântica na sintaxe das línguas.

Partindo da premissa de que o verbo desempenha um papel determinante na estrutura da sentença, abre-se um parêntese para a ideia de papéis temáticos, afinal de contas as funções de sujeito, complemento e adjuntos não contemplam todas as relações sintático-funcionais que se estabelecem em algumas sentenças, fazendo-se necessário, portanto, estabelecer definições acerca do que se constitui essa noções semânticas intituladas de papéis temáticos (s). Para melhor formulação desse conceito, atentemos para o exemplo abaixo:

- (10) a. O João quebrou o vaso intencionalmente
 b. O vaso (se) quebrou
 c. O vaso foi quebrado pelo João intencionalmente.¹²

A partir do exemplo acima, observa-se que o *vaso* apresenta a função semântica de paciente (que sofre a ação) em todas as sentenças, contudo, em (a) exprime o papel de complemento; em (b) e (c) a função de sujeito. Todavia, os mesmos elementos apresentam as mesmas funções dentro da sentença: o João é o agente que quebra um objeto nas sentenças (a) e (c) enquanto o vaso desempenha a função de paciente nas três situações, o que constitui um ato onde o verbo quebrar encabeça uma ação desempenhadas por João e o vaso. No entanto, as diferentes relações sintáticas que se estabelecem nessa sentença nada dizem sobre a relação

¹² Cançado, 2016, p. 40 – exemplo 1 (a, b e c) retomado aqui como 10 (a, b e c)

de dependência que se estabelece entre esses argumentos pois, essa dependência se dá por meio das relações de sentido que se constroem entre o verbo e seus argumentos, ou seja, é por meio da relação de sentido entre o verbos e seus argumentos que são atribuídos os diferentes papéis para cada um dos argumentos, sendo essas funções, portanto, denominadas ‘papéis temáticos’. Foi pensando nas diferentes classificações de papéis temáticos que Cançado (2012, p. 43) propôs uma lista geral contendo as principais funções desempenhadas por eles:

- a) Agente: desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle
 - (11) O *motorista* lavou o carro.
 - (12) O *atleta* correu.
- b) Causa: desencadeador de alguma ação, sem controle
 - (13) As *provas* preocupam a Maria.
 - (14) O *sol* queimou a plantação.
- c) Paciente: entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado
 - (15) O João quebrou o *vaso*.
 - (16) O acidente machucou a *Maria*.
- d) Tema: entidade transferida, física ou abstratamente, por uma ação
 - (17) O colega jogou *a bola* para a menina.
 - (18) O pai deu *uma viagem* para a filha.
- e) Experienciador: ser animado que está ou passa a estar em determinado estado mental, perceptual ou psicológico
 - (19) O *namorado* pensou na amada.
 - (20) O *coleccionador* viu um pássaro diferente.
 - (21) As *provas* preocupam a *Maria*.
- f) Resultativo: resultado de uma ação, ou seja entidade que não existia e passa a existir ou vice-versa
 - (22) O pedreiro construiu *a casa*.
 - (23) A bruxa comeu *a maçã*.
- g) Beneficiário: ser animado que é beneficiado ou prejudicado no evento descrito
 - (24) O patrão pagou o *funcionário*.
 - (25) A *mulher* perdeu a carteira.
 - (26) A bibliotecária emprestou o livro para o *aluno*.
- h) Objeto Estativo: entidade ou situação à qual se faz referência, sem que esta desencadeie uma ação ou seja afetada por uma ação
 - (27) O aluno leu *um livro do Chomsky*.
 - (28) O marido ama *a mulher*.
- i) Locativo: lugar de onde algo se desloca para onde algo se desloca ou em que algo está situado ou acontece
 - (29) A modelo voltou de *Paris*.
 - (30) A Sara jogou a bola para o *alto*.
 - (31) Eu moro em *Belo Horizonte*.
 - (32) O show aconteceu no *teatro*.¹³

¹³ Exemplos de (6) a (27) retomados aqui como (11) a (32).

A partir dessa classificação, Cançado (2016) problematiza o papel temático denominado instrumento, que segundo a autora é bastante recorrente na literatura. Segundo ela, verbos do tipo *servir* e *usar* atribuem a função temática de objeto estativo e não de instrumento, o que é perceptível a partir dos exemplos abaixo:

- (33) a. *A internet* serve para levar as pessoas a mundos desconhecidos.
 b. *A Maria* serve para ser professora.
 c. *Falar muito* serve para nos colocar em confusão.
- (34) a. A professora usou *a sua habilidade* para acalmar as crianças.
 b. A modelo usou *um vestido vermelho* para desfilarm.¹⁴

A partir dessa afirmativa, Cançado (2016) pontua que não existe no PB nenhum verbo que necessite de um objeto para ter seu sentido completo, nas palavras da autora: “o papel temático de instrumento não é atribuído à posição argumental de um verbo, não sendo, portanto, o verbo aquele que atribui o papel temático de instrumento à determinados sintagmas (ainda que sintagmas nominais que denotem instrumento apareçam em posições argumentais de verbos)” (p. 45).

É necessário ressaltar que as funções desempenhadas pelos papéis temáticos apresentadas em *a, b, c, d, e, f, g, h* e *i* não são consenso entre os pesquisadores, haja vista, que problemas são apresentados nas definições que se adotam. Em linhas gerais, “deve existir uma correspondência um a um entre os argumentos de um verbo e seus papéis temáticos, ou seja, cada argumento recebe apenas um papel temático, e cada papel temático é associado a apenas um argumento” (CANÇADO, 2016, p. 52). Para sintetizar o que é proposto, atentemos para a analogia de Haegeman (1991) apresentada por Cançado (2016, p. 52):

Em uma peça teatral (a sentença), há um *script* (o verbo) estipulando os papéis (os papéis temáticos) que devem ser distribuídos aos atores (os argumentos). Para que a peça seja adequadamente encenada, para cada papel deve existir um ator, e para cada ator deve existir apenas um papel, ou seja, se faltarem atores para encenar os papéis do *script*, ou um mesmo ator receber dois papéis simultâneos, a peça não fará muito sentido. O mesmo acontece com os papéis temáticos: se faltar algum argumento para receber papel temático, ou se um mesmo argumento receber dois papéis temáticos, a sentença será agramatical.

Todavia, esse princípio também não é totalmente coerente, haja vistas que um mesmo argumento pode vir a receber mais de uma função, a depender do olhar do pesquisador, o que

¹⁴ Exemplos (29) e (30) extraídos de Cançado (2016, p. 45) e retomados aqui como (33) e (34).

pode ser constatado nos exemplos (50) e (51) de Cançado (2016, p. 53) retomados aqui como (35) e (36):

- (35) O *maratonista* correu muito.
 (36) As provas preocupam os *alunos*.

Analisando as sentenças acima, constata-se que o argumento *maratonista* (35) pode vir a receber a função de *agente*, uma vez que o ato de correr foi desempenhado pelo maratonista, assim como pode receber o papel de *tema* já que maratonista se desloca de um local para outro. Em (36) a função atribuída a alunos é de *experienciador*, ou seja, os envolvidos passam por uma experiência psicológica, mas poderia também receber a função de paciente já que os envolvidos mudam de um estado mental para outro. Assim sendo, assume-se que o “papel temático é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a um determinado argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se” (CANÇADO, 2003, p. 95).

A par dessas dificuldades conceituais atenta-se para a relevância de se estabelecer essa relação sintático-semântica na construção do sentido interno das sentenças, proporcionando uma análise geral dos argumentos internos à estrutura sintática (estrutura argumental).

Partindo dessa premissa, assume-se que há uma relação interna entre os componentes de determinada sentença. Essa relação entre os papéis temáticos e a sintaxe é definida a partir do Princípio da Hierarquia Temática (PHT), o qual “estabelece a ligação entre a estrutura semântica e a estrutura sintática, ou seja, é um princípio que estabelece ‘qual papel temático vai para qual posição sintática’” (CANÇADO, 2003, p. 106). Para esclarecer como se dá esse processo, deve-se considerar o como o falante organiza determinado evento, para tanto, observemos a ilustração abaixo:

- (37) <vaso> <martelo>
 <quebrar>
 <João>¹⁵

A partir desses lexemas, o falante pode optar por construir sentenças sob uma perspectiva agentiva (38) ou ergativa (39):

¹⁵ Exemplo (34) extraído de Cançado, 2003, p. 108 retomado aqui como (37)

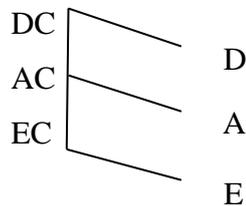
(38) João quebrou o vaso com um martelo.

(39) O vaso quebrou¹⁶.

Nota-se, portanto, que a escolha dos argumentos está condicionada ao léxico, a morfologia e à sintaxe da sentença. Assim sendo, entende-se que “a estruturação dos eventos é a base para noção linguística do papel temático” (CANÇADO, 2003, p. 108), de modo que as propriedades semânticas desses predicados/complementos são apresentadas no léxico.

Ainda sobre o PHT, é necessário discorrer acerca dos três postulados que servem de alicerce para esse princípio, os quais são oriundos de extensa análise realizada por Cançado (1995a), Moreira (2000) e Silva (2002). O primeiro postulado ou regra A diz respeito ao eixo das eventualidades que pode ser sintetizado da seguinte forma: “Nível semântico: Desencadeador > Afetado > Estativo; Nível Sintático: Sujeito > 1º Complemento > 2º Complemento” (CANÇADO, 2016, p. 121). Para melhor esclarecimento, observemos o diagrama abaixo:

(40) Diagrama E¹⁷



Para interpretação do diagrama, consideraremos o DC como sendo o *desencadeador com controle* e D como o *desencadeador*; AC é *afetado com controle* e A é *afetado*; e EC como *estado com controle* e E apenas *estado*, devendo ser lido como DC > D > AC > A > EC > E (Cf: CANÇADO, 2003). Partindo dessa hierarquia, Cançado (2016, p. 122) afirma que:

Pode-se prever que o argumento de um verbo que tem como parte de seu papel temático a propriedade mais proeminente da hierarquia no nível semântico é associado à função mais proeminente da hierarquia do nível semântico, que é a posição de sujeito da sentença; um segundo argumento de um verbo que tem como parte de seu papel temático a segunda propriedade mais proeminente da hierarquia no nível semântico é associado à segunda função mais proeminente da hierarquia do nível sintático, que é o complemento direto de uma sentença; e se houver um terceiro argumento da hierarquia no nível semântico, este é associado à terceira função no nível sintático, o complemento indireto de uma sentença.

¹⁶ Cançado, 2003, p. 108: exemplos (35) e (36) retomados aqui como (38) e (39).

¹⁷ Cançado, 2003, p. 110: exemplo (42) retomado aqui como (40)

Um segundo postulado (B) diz respeito ao eixo estativo, o qual pode ser sintetizado nos dois níveis da seguinte forma: no nível semântico há uma condição mental ou possuidor > Objeto de referência > outros e no nível sintático estabelece-se as relações de sujeito > 1º Complemento. Nesta regra, Cançado (2016, p. 127) afirma que há uma “hierarquia para verbos estritamente estativos, ou seja, verbos que possuem dois argumentos com a propriedade de *ser ou estar em um determinado estado*”.

(41) VENDER: V, {desencadeador/controle, afetado, valor, destinação}

Em uma análise minuciosa, nota-se que o verbo vender pressupõe a existência de alguém que desencadeará e terá o controle de um processo. Se algo é vendido, presume-se que algo será afetado por essa ação. Logo, se algo é vendido, entende-se que serão fixados um valor e um destino para esse objeto. Esse processo é descrito por Cançado (2003, p. 115) da seguinte forma:

O afetado é proeminente em relação a qualquer estativo, incluído aí valor e destinação. Portanto, o argumento relacionado às propriedades de desencadeador com controle terá a posição de argumento externo; o argumento relacionado à afetação terá a posição de argumento interno; as outras propriedades são marcadas com uma preposição semanticamente compatível (que atribuíra o papel temático a esses argumentos) e esses elementos serão projetados como adjuntos na estrutura sintática.

Quanto a regra C, esta “prevê que alguns predicadores verbais permitem uma violação na ordem hierárquica quando há uma reorganização sintática da estrutura da sentença” (CANÇADO, 2016, p. 129). Para melhor assimilação, consideremos as seguintes sentenças:

(42) PREOCUPAR: V, {desencadeador, afetado (controle)}

Atentando para as construções possíveis com esse verbo, salienta-se que a hierarquia pode se dar a partir do desencadeador para o afetado (43) ou ainda passar para a voz passiva/forma passiva (44), conforme pode ser observado nos exemplos abaixo

(43) A guerra preocupa a Maria

Desencadeador > afetado

(44) Maria (se) preocupa com a guerra

A partir das discussões trazidas aqui acerca do modelo semântico-lexical selecionado para o tratamento dos papéis temáticos, atenta-se para o fato de que esse último não trata apenas de noções abstratas da língua, é pois, algo pertencente à língua e cujo papel é fundamental para compreender as relações que se estabelecem nas diferentes construções sintáticas. Sob este viés, propõe-se que essas categorias serão discutidas a partir da função semântica que elas desempenham em sintagmas encabeçados por verbos de movimento do tipo *ir* e *chegar*.

2.1 VALOR SEMÂNTICO DAS PREPOSIÇÕES

Discutiu-se até então acerca do papel do verbo enquanto definidor dos papéis semânticos a serem distribuídos aos demais argumentos que compõe determinada sentença, todavia, é importante salientar que as preposições desempenham um papel fundamental dentro dessa hierarquia, de modo que torna-se necessário apresentar algumas questões referentes a essa classe gramatical tão divergente dentro e fora da gramática tradicional.

Entende-se que as preposições são morfemas gramaticais que possuem valor semântico e lexical dentro das orações, o que remete a possibilidade de categorizá-las de acordo com o peso semântico que desempenham nos sintagmas encabeçados por preposições. Segundo Simião (20??, p. 403) “as preposições são também, entre todas as categorias verbais, as de mais difícil domínio talvez pelas distintas formas como são apresentadas nos dicionários e gramáticas, além dos diversos matizes de significado a elas atribuídas [...]”.

Tradicionalmente, define-se as preposições como sendo responsáveis pela ligação de dois termos de uma oração (um antecedente e um conseqüente). Contudo, há uma forte crítica a essa restrição linguística que é dada às preposições. Segundo Ilari et al (2008, p. 626) apud Martins (2014, não paginado):

[...] uma das falhas das abordagens tradicionais da preposição é a dificuldade de fornecer um tratamento abrangente para cada uma delas, que não se traduza em uma enumeração interminável dos “sentidos” que a preposição assume em seus diferentes usos e contextos. As afirmações a que leva esse tipo de tratamento não são propriamente erradas, mas são, no mais das vezes, óbvias, e tendem a transferir para a preposição elementos de sentido que, de fato, são dados por outras expressões presentes no contexto.

O verbo é definidor de papéis, todavia, “a preposição não faz parte do significado do verbo, ou que, pelo menos, para cada distribuição de preposição o verbo carrega traços distintivos de significado” (MARTINS, 2014, não paginado). Dessa forma, entende-se que verbos de movimento como IR e CHEGAR, por selecionarem diferentes preposições (E, EM, PARA e outras) desempenham diferentes funções semânticas dentro da oração.

Pensando nesse processo de mudanças semânticas pelo qual passa determinadas preposições, Martins (2014, não paginado) (Cf. Traugott e Heine (1991)) afirma que “a gramaticalização, ou mudança semântica, se dá por inferência pragmática por meio de dois processos: de metáfora, no qual há uma mudança de domínio, que pode ser de espaço para tempo; e de metonímia, em que um termo se ajusta por sofrer pressão de informatividade”. Assim sendo, toma-se como absoluta a ideia de que “alguns verbos aceitam mais de uma preposição e para cada combinação o significado muda um pouco, há uma nuance diferente (MARTINS, 2014, não paginado).

- (45) Todos somos iguais ante Deus.¹⁸ }
 (46) Todos somos iguais perante Deus. } Preposições *ante* e *perante*
 com valor semântico similar
- (47) Dê *a* ele a quantia desejada. (*a* = inicia o termo beneficiário)
- (48) Daqui *a* cinco dias sairemos. (*a* = inicia expressão temporal)

A partir dos exemplos apresentados acima, percebe-se o quão complexo é estabelecer um valor fixo para as preposições, tornando-se uma árdua tarefa, pois não há parâmetros capazes de expressarem o real valor lexical e funcional das preposições. Segundo Barros (1985, p. 211) apud Rosário (20??, p. 9)

A descrição dos sistemas preposicionais (inventário, valores) é particularmente árdua; de fato, as preposições são unidades de regime híbrido; gramaticais enquanto indicadores de relações, mas também léxicas; daí os problemas de referência semântica, empregos fraseológicos e dificuldades sintáticas que se entrelaçam. A evolução das línguas intensifica essa complexidade.

Atentando para as relações possíveis com as preposições Castilho, a partir dos estudos de Borba, retoma um quadro com nove áreas significativas referentes às preposições. Os hipersememas apresentados por Borba são:

¹⁸ Rosário (20??, p. 12): exemplos 28, 29, 30 e 31 retomados aqui como 45, 46, 47 e 48

- (1) Espaço-tempo – sentido comum a todas as preposições: “me puxou até a cerca de crótons”, “após horas de dura caminhada, sentia-se cada vez mais inseguro”.
- (2) Relação ou referência, realização semântica que abrange as seguintes preposições: a, com, de, em, para, por, sobre: “ladrão com ele é na cadeia”, “regateava no preço”.
- (3) Causalidade, sentido que ocorre com as preposições a, ante, com, de, em, para, por, sobre: “dormi de sono, não de porre”, “com as pálpebras inchadas pela noite de insônia”.
- (4) Quantidade, hiperssemema relacionado com os valores numéricos, e exemplificados por a, até, de, em, entre, para, por: “bebeu do que quis no córrego”, “entre inúmeras lembranças, elegeu duas ou três preferidas”.
- (5) Modo, sentido identificado entre os sintagmas que respondem à pergunta “como?”: “foi recebido a bola”, “o avião lhe acenava com um lenço”.
- (6) Posse, aqui incluída a noção de conteúdo: “boas pensões, com raparigas de primeira”, “a chave do apartamento”.
- (7) Matéria de que é feita alguma coisa: “bolinhos de fubá”, “chapéu em palha brilhante”.
- (8) Assunto, expresso por de, em, por, sobre: “doutos em ciência”, “falar de miséria”.
- (9) Transformação, sentido próprio a de, em, a: “guerrilheiros disfarçados de mulheres”, “Satanás disfarçado em Jesus Cristo”. (ROSÁRIO, 20??, p. 20-21)

Considerando essas possíveis funções a serem desempenhadas pelas preposições, entende-se que as preposições possuem força semântica equivalente o grau de gramaticalização que a define, ou seja, o peso semântico da preposição é definido a partir da relação hierárquica que se estabelece dentro da oração, sendo, portanto, inapropriado toma-las como sendo destituídas de sentido.

Considerando, pois, a função semântico-lexical dos papéis temáticos e as relações de gramaticalização semântica das preposições, propõe-se no tópico seguinte uma breve discussão acerca da teoria variacionista, de forma a construir uma base teórica que corrobore para o desenvolvimento da análise que será apresentada em breve.

2.2 TEORIA VARIACIONISTA: ALGUMAS NOTAS

Anteriormente discutiu-se acerca da função semântica dos argumentos que compõem as mais diversas sentenças, atentando para as noções de papel temático, bem como as implicações/dificuldades em se chegar a um consenso acerca dessa categoria. Aqui, no entanto, propõe-se uma rápida apresentação acerca da teoria variacionista de William Labov (1972).

O precursor da sociolinguística quantitativa foi William Labov que construiu um modelo teórico-metodológico baseado na relação língua-sociedade, partindo da premissa de que é possível sistematizar a variação existente na língua falada, isso é, ele foi pioneiro em considerar os aspectos sociais na sua análise sobre fenômenos linguísticos. Dentro dessa perspectiva, é necessário considerar o sujeito como sendo autônomo nos seus processos comunicativos. Parindo dessa definição, Tarallo (1986, p. 7) salienta o seguinte:

Esse falante-ouvinte ideal, no entanto, não parece tão “falante-ouvinte”, nem tampouco “ideal”. A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada.

Considerando que não existe um falante ideal e que língua e sociedade estão interligadas entende-se que é essa a relação que alicerça as situações comunicativas entre os membros de determinada comunidade. Assim, ao romper com os paradigmas linguísticos que analisam a língua a partir de seus elementos internos, a sociolinguística de Labov estuda a língua a partir do seu uso na sociedade. Sobre essa ruptura paradigmática Bright (1974, p. 18) apud Santos e Vitorio (2011, Não paginado) afirma:

[...] os sociolinguistas rompem incisivamente com uma tendência linguística: a de tratar as línguas como sendo completamente uniformes, homogêneas ou monolíticas em suas estruturas [...]. Uma das maiores tarefas da sociolinguística é demonstrar que na verdade tal variação ou diversidade não é “livre”, mas correlacionada a diferenças sociais sistemáticas. Neste aspecto em outros mais latos, é precisamente a DIVERSIDADE linguística o objeto da sociolinguística.

A sociolinguística parte da premissa de que as situações comunicativas acontecem em contextos situacionais/ reais e por isso considera o evento de fala, os envolvidos e o contexto

social onde se dá essa comunicação. Foi a partir de estudos sociolinguísticos que várias realidades linguísticas se tornaram conhecidas, tais como o fato de a língua ser heterogênea, bem como a possibilidade de sistematizar essa heterogeneidade, a ampliação de bilinguismo em diferentes nações e outros.

Pontuando ainda sobre a sociolinguística, é válido salientar que esta área pode ser estudada a partir de três perspectivas. São elas: A Sociologia da Linguagem (FISHMAN, 1972), na qual busca-se uma compreensão mais ampla acerca da estrutura social por meio da linguagem, dando enfoque aos aspectos da organização social e da manifestação linguística dos falantes; a Etnografia da Fala (HYMES, 1962), rebatizada posteriormente como Etnografia da Comunicação, cujo enfoque se dá no ato de descrever e interpretar a língua em uso no contexto cultural, definindo, assim, as funções da língua a partir da observação das regras de cada comunidade de fala; e a Teoria da Variação Linguística (1972) (TVL) em que são considerados os aspectos linguísticos e extralinguísticos para explicar os fenômenos linguísticos presentes na fala e é nesta última área que daremos enfoque aqui.

Foi por meio dos estudos de Labov que se alavancou um profundo interesse de pesquisadores pelos estudos sociolinguísticos que se preocupam com a língua e seu uso dentro da sociedade, o que corroborou para atestar a tese de que a heterogeneidade presente na língua é passível de sistematização, o que implica dizer que a “heterogeneidade e estrutura não são incompatíveis, ao contrário, são necessárias para o funcionamento real de qualquer língua. Prova-se isso pela capacidade e competência do indivíduo em codificar e decodificar essa heterogeneidade” (LUCCHESI, 2004, p. 171 apud SANTOS E VITÓRIO, 2011, NP).

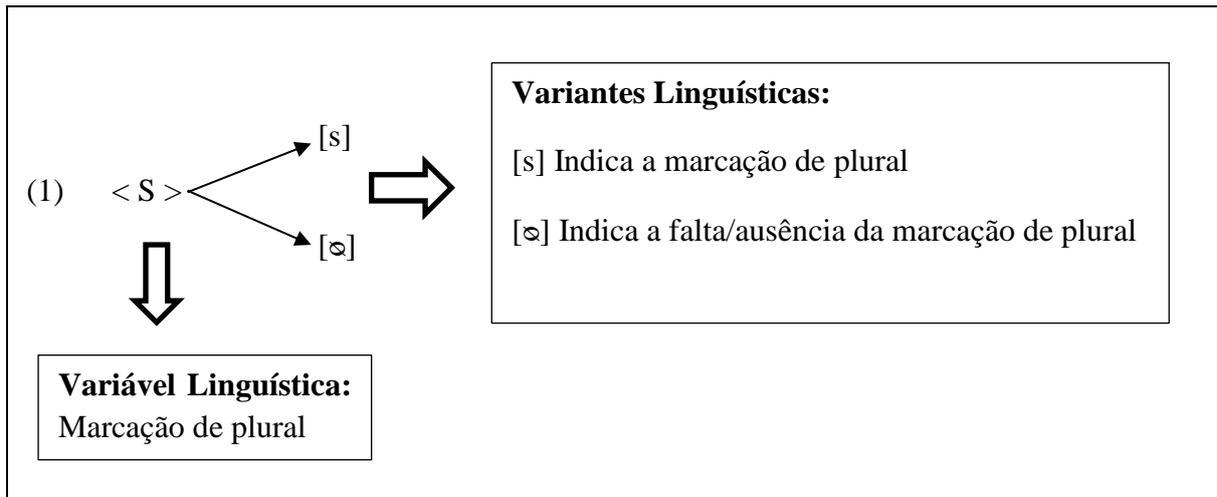
A Teoria da Variação Linguística é também chamada por alguns pesquisadores de Sociolinguística Variacionista ou ainda Sociologia Quantitativa. Aqui, faremos referência ao primeiro termo (TVL). É importante salientar que esse nome se dá em decorrência de a teoria trabalhar em cima de dados sociais que podem ser quantificados.

A sociolinguística laboviana vem mostrar o caráter heterogêneo e variável das estruturas linguísticas e defender que tais estruturas têm uma organização gramatical, ou seja, seguem regras e têm formas lógicas linguísticas perfeitamente demonstráveis sendo possível seu estudo dentro do campo linguístico (SANTOS e VITÓRIO, 2011, Não paginado)

A emergência de uma teoria social implica também na definição de elementos norteadores para equiparar todas as pesquisas que se originaram a partir do modelo laboviano. Dessa forma, a teoria tem como base a ideia de Variável e Variantes Linguísticas, assumindo-se que toda comunidade de fala apresenta formas variáveis da língua. Dessa forma, assume-se

que “variantes linguísticas, são [...] diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (TARALLO, 1986, p. 8). Para melhor compreensão desse segmento, observe-se o esquema abaixo (1) (Cf: TARALLO), no qual atenta-se para a variável linguística marcação de plural <S> e como variantes linguísticas a variante [s] e [∅].

Figura I: Caracterização de variável e variantes linguísticas



No PB, a marcação de plural pode se dar nos principais constituintes da sentença: no determinante; no núcleo ou no complemento, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

- (2) AS meninaS bonitaS
- (3) AS meninaS bonita∅
- (4) AS menina∅ bonita∅¹⁹

A partir dos exemplos acima, pode-se fazer as seguintes constatações: i): Em (2), tem-se o panorama de um falante ideal dentro de perspectivas estruturalistas, realizando a marcação de plural ao longo dos argumentos que compõem a sentença; ii): No caso (3), o falante mantém as marcas de plural no determinante (a[s]) e no núcleo/nome (menina[s]), sem no entanto apresentá-las no complemento (adjetivo modificador) – (bonita[∅]); iii): Já em (4) o falante utiliza a marcação de plural apenas no determinante (a[s]) e nos demais argumentos deixa a marcação nula (∅). A partir disso, constata-se que a variação se dá de formas diferentes, mantendo, contudo, um padrão linguístico que pode ser explicado/descrito do

¹⁹ Exemplos 1, 2 e 3 extraídos de Tarallo (1984) retomados aqui como 2, 3 e 4.

ponto de vista linguístico a partir da coleta e análise de dados, compondo assim um quadro passível de formulação de regras gramaticais. Sobre esse processo, Tarallo (1984, p.11) afirma que:

Uma vez feita a análise segundo o modelo proposto, o aparente “caos” desaparecerá e a língua falada avultará como um sistema devidamente estruturado. Os resultados finais da análise proporcionarão a formulação de regras gramaticais. Estas, no entanto, devido à própria essência e natureza da fala, não poderão ser categóricas, optativas ou obrigatórias. Serão, conseqüentemente, regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias linguísticas (condicionamento das variantes por fatores internos) e não-linguísticas (condicionamento das variantes por fatores externos, tais como: faixa etária, classe social, etc.) apropriadas à aplicação de uma regra específica. Trata-se, portanto, de um sistema linguístico de probabilidades. [...]

É neste cenário linguístico que emerge a necessidade de tornar visíveis as diferenças dialéticas de determinada comunidade de fala, atentando, sobretudo para os aspectos que determinam a variação linguísticas. Assim, entende-se que há uma concorrência entre a variável padrão e a não-padrão; as formas conservadoras e as inovadoras; as de prestígio e as estigmatizadas. Atenta-se aqui para o fato de que a língua padrão é a mais conservadora e apresenta mais prestígio dentro da sociedade; por outro lado, a forma não-padrão é tida como inovadora e é bastante estigmatizada dentro da comunidade de fala. Retomando o caso da marcação de prestígio tem-se em (2) uma situação padrão, conservadora e de prestígio; Em (3) e (4), no entanto, as formas são descritas/tidas como não-padrão, inovadoras e estigmatizadas socialmente (Cf. TARALLO, 1984).

Falou-se até aqui acerca do objeto de estudo da sociolinguística e de como se constituem os elementos observados na análise, no entanto, falta-nos apresentar uma definição mais consistente acerca do objeto de análise linguística dentro da TVL que é a língua falada, afinal de contas, a sociolinguística quantitativa emerge a partir da análise descritiva da língua falada, a qual tornou-se objeto de estudo de diversos pesquisadores.

Segundo Tarallo (1984, p. 19): “a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enuncia-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é dado à língua, ao *como* da enunciação”. Partindo dessa definição, o pesquisador pode elaborar um plano de pesquisa que contemple os fenômenos os quais deseja investigar, isso atrelado a um modelo teórico que contemple suas hipóteses e o auxilie no processo investigativo. Tendo isso em mente, é válido questionar: como o pesquisador deve proceder para construir/elaborar o escopo do seu trabalho investigativo?

É por meio da TVL que o pesquisador encontrará a resposta para esse questionamento, sendo possível, a partir da teoria laboviana a elaboração de um plano de trabalho linguístico que atenda aos anseios do pesquisador e respeite o espaço do falante. Segundo Tarallo (1984, p. 21) afirma que:

O pesquisador, ao selecionar seus informante, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. Seu objetivo central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõe. A palavra “língua” deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção a sua própria maneira de falar.

Ressalta-se que o pesquisador pode lançar mão de uma série de métodos, tais como elaborar um roteiro de perguntas que levem o informante a abrir-se para uma conversação mais espontânea. Além disso, há de se acrescentar que a coleta de dados deve contemplar diferentes classes, gêneros e faixas etárias para que seja representativa e a partir da coleta e análise será possível a construção de hipóteses/regras que possam vir a explicar o fenômeno. Sobre esse processo, Santos e Vitória (2011, Não paginado) dizem o seguinte:

No estudo da mudança linguística é preciso determinar tanto as possíveis mudanças e as possíveis condições para a mudança, que podem ocorrer em uma estrutura quanto a possível direção que essas mudanças podem tomar; estabelecer, passo a passo como se dá a mudança de uma estrutura para outra estrutura; determinar que as mudanças linguísticas devem ser encaixadas tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social; estabelecer as correlações subjetivas entre a sociedade e as variáveis em uma estrutura heterogênea; estabelecer que a mudança na língua se inicia quando um dos traços característicos da variação é comum a um subgrupo da comunidade linguística.

É nesse viés teórico que se encontra o trabalho a ser desenvolvido pelo pesquisador sociolinguista, que deverá trazer ordem para o aparente ‘caos’ da língua falada. Assim, entende-se que são vários os fatores que podem levar a variação linguística, em especial aqueles relacionados ao falante, tais como: “idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade, local em que reside na sociedade” (ANDRADE, p. 55). Há também os fatores relacionados à situação comunicativa, que são: “ambiente, tema, estado emocional do falante, grau de intimidade entre os falantes” (ANDRADE, p. 55).

Em estudo realizado por Ramos (2006), há um apontamento para a complexidade do papel da preposição *a* no PB que, conforme ela aponta pode caracterizar-se da seguinte forma:

i): apresentar uma concorrência com as preposições *em* e *para*; ii): redução dos casos em construções de acusativo preposicionado e iii): em construções de casos dativos, tende a dar lugar para a preposição *para*.

Sobre a preposição *para*, Ramos (2006) aponta que ela é também usada diante de verbos de movimento, bem como carrega o traço de [+permanência], o que, segundo ele não acontece com *a* e *em*.

Já a preposição *em* é descrita por Ramos (2007) enquanto uma preposição que se enquadra para além dos verbos do tipo copulativo, *appearance* e localização, vindo a combinar-se também com verbos de movimento/localização.

Assim, Ramos (2006) assume que as preposições desempenham praticamente duas funções: i): “Atribuidores e realizadores de Caso aos DPs complementos de VP, como também atribuidor de Caso quando cabeça de um adjunto” (p. 214) e ii): “Elemento auxiliar regendo VPs., sendo um elemento Aux/Flex de natureza aspectual ou modal” (p.215).

Ramos (2006) discutiu aspectos que poderiam explicar as razões pelas quais ocorrem essas variações entre essas preposições, vindo a afirmar que as preposições *a*, *em* e *para* em contextos estruturais construídos com verbos do tipo *ir* e *chegar* constituem um ambiente sintático variável, tanto no PB quanto no PE.

A partir desse enfoque, é necessário ressaltar que as preposições no Português Brasileiro são de natureza bastante complexa, a exemplo da preposição *A* que no PB é tão complexa quanto no Português Europeu (PE) (FARIAS, 2005), vindo a desempenhar diferentes funções dentro da construção sintática podendo verificar-se:

(i) em construções com verbos do tipo movimento/localização, uma concorrência com as preposições *para* e *em*; (ii) em construções de acusativo preposicionado, a preposição *a* tem apresentado uma considerável redução, no eixo diacrônico, tendendo a omitida nesses contextos [...]; (iii) em construções de dativo, tende a ceder lugar à preposição *para* [...] (FARIAS, 2005, p. 124)

Assumindo-se, portanto, que ocorre a variação/concorrência entre preposições no PB, pleiteia-se com este trabalho uma análise quantitativa e qualitativa que contemple a nossa hipótese de que as preposições (*A*, *EM* e *PARA*) carregam traços/funções semânticas que são fundamentais na atribuição de sentido em contextos de fala.

Retomando as definições trazidas no início desse trabalho, é válido retomar a definição de Castilho que toma as preposições como:

Palavras invariáveis que atuam como núcleo do sintagma preposicional, desempenhando as seguintes funções: (i) função sintática: ligação de palavras e de sentenças; (ii) função semântica: atribuição ao seu escopo de um sentido geral de localização no espaço [...] (CASTILHO, 2010, p.583)

Partindo dessa premissa, discorre-se que as preposições estão para além das definições dadas pela gramática normativa, de modo que, torna-se inconcebível assumi-las como sendo palavras vazias de sentido (gramática normativa), sendo tidas aqui como argumentos que carregam traços semânticos definidores e cruciais no que tange o estado lexical da sentença.

Na seção que se sucede, apresentam-se com detalhes os percursos dessa pesquisa, atentando para o viés adotado aqui e os elementos que serão utilizados para apresentação dos dados analisados nessa pesquisa.

3 METODOLOGIA

Considerando as discussões trazidas no capítulo 1, apresenta-se aqui a metodologia a ser empregada na análise que será apresentada no capítulo 3. Retomando a Teoria da Variação Linguística de Labov, faz-se aqui uma breve explanação acerca das variáveis e variantes linguísticas a serem consideradas para a análise. Seguindo o modelo laboviano, há a necessidade de se trabalhar com base em números, probabilidades e estatísticas e é por meio desses números que se pode apresentar padrões linguísticos que atestam a sistematicidade da língua falada.

Haja vista que o trabalho do pesquisador envolve o trato com um grande quantitativo de dados, alguns pesquisadores criaram modelos matemáticos e programas computacionais que fossem capaz de realizar o tratamento estatístico dos dados a serem analisados pelo sociolinguistas. Um desses programas é o Variable Rule Analysis (VARBRUL) que consiste em “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES (2007, p. 105) Apud SANTOS; VITÓRIO, 2011, não paginado).

Assim como os demais pacotes computacionais, o VARBRUL passou por uma série de modificações, sendo atualmente denominado GOLDVARB X que, conforme apresenta Sankoff; Tagliamonte; Smith (2005) Apud Santos; Vitório (2011, não paginado):

Esta atualização do programa permite utilizá-lo em ambientes Macintosh, Windows e Linux, operando de forma semelhante em ambas as plataformas. O GOLDVARB X também executa pesquisas de referência cruzada e encontra facilmente o que o pesquisador deseja, procurando por coisas fora da sequência de codificação. Além disso, o programa agora comporta resultados marginais, com uma casa decimal, e permite que o tamanho da fonte seja ajustado.

Em um estudo sociolinguístico, para que seja comprovada a variação linguística é necessário que se identifique pelo menos duas formas linguísticas que se encontrem em variação e que expressem a mesma coisa. A essas formas, dá-se o nome de Variável dependente. À essa variável, cuja natureza é linguística, ligam-se elementos que “são governadas por fatores que influenciam o uso de uma variante em detrimento da outra durante o processo de variação” (SANTOS; VITÓRIO, 2011, não paginado). À esses fatores

dá-se o nome de Variáveis independentes, os quais podem ser tanto de natureza linguística quanto extralinguística.

Para composição desses elementos, deve-se considerar a natureza dos dados e o perfil socioeconômico das comunidades de fala. A partir desse levantamento, os elementos que compõem a natureza da variável independente linguística devem contemplar aspectos relacionados à natureza do fenômeno a ser analisado. Quanto a natureza das variáveis independentes extralinguísticas, devem considerar questões externas que possam estar influenciando o processo de variação. Na nossa pesquisa, esses elementos podem ser observados logo abaixo:

- (1) Variável Dependente:
 - (1) Uso da preposição A
 - (2) Uso da preposição EM
 - (3) Uso da preposição PARA

- (2) **Variáveis independentes - linguísticas**
 - (1.a) Classificação do sujeito**
 - (1) Sujeito [+animado]
 - (2) Sujeito [-animado]

A variável Natureza do sujeito foi escolhida em decorrência do comportamento linguístico dos sintagmas observados, nos quais, constatou-se que verbos transitivos indiretos requerem a ação de um sujeito [+animado]. Como a versão do programa GoldVarb-X que foi utilizada funciona com células Binárias, elegeu-se também o sujeito [-animado] como forma de atestar a hipótese de que é necessário um Sujeito Agente para que haja uma ação na qual ocorra a variação entre as preposições A, EM e PARA.

(2.a) Papel Temático do SP (classificação)

- (1) Locativo
- (2) Meta

Quanto a classificação do SP, elegeu-se a definição de Locativo e de Meta. Acerca dessas escolhas, assume-se como locativo a definição apresentada por Cançado (2012) que consiste no “lugar de onde algo se desloca para onde algo se desloca ou em que algo está

situado ou acontece”; quanto a ideia de Tema, consiste na ideia de um movimento referente a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência, não sendo, necessariamente, como um local “fixo”. Em outras palavras, Locatico diz respeito ao espaço [+definido] e cuja ação é mais pontual e Meta ao espaço [-definido] e a ação eventual.

(3.a) Traços semânticos do SP 1²⁰

- (1) [+permanência]
- (2) [-permanência]
- (3) [indefinido]

(4.a) Traços semântico do SP 2

- (1) [+definido]²¹
- (2) [-definido]

A escolha desses traços se dá pelo fato de eles condicionarem e favorecerem a concorrências entre as preposições A, EM e PARA, ou seja, o SP parece estar condicionado aos traços semânticos relacionados ao tempo ([+permanência] e [-permanência]) e ao espaço ([+definido] e [-definido]).

(4.a) Tipo de Verbo recorrente

- (1) Ir
- (2) Chegar

No que tange a escolha dos verbos, deve-se ao fato de outras pesquisas (MOLLICA (1996); FARIAS (2006); VIEIRA (2009) e outros) atestarem a possibilidade de variação entre preposições.

(3) Variáveis independentes – extralinguísticas

(1.a) Escolaridade

- (1) Ensino Fundamental
- (2) Ensino Médio

²⁰ No traço [+permanência] são também consideradas ações que ocorrem com maior frequência.

²¹ No traço [+definido] é considerado o espaço que é especificado pelo falante (Recife, São Paulo) e o espaço que se encaixa também na forma [-aberto]; por outro lado, o traço [-definido] engloba os espaços que não são especificados pelo falante (eventos, festas) e os espaços que podem ser definidos como [+aberto].

(3) Ensino Superior

O fator escolaridade mostrou-se definidor no uso das preposições A, EM e PARA em sobreposição aos fatores extralinguísticos Faixa etária e Sexo (masculino e feminino), de modo que o uso da preposição das preposições se mostraram estar condicionada a escolaridade do falante e não necessariamente à sua faixa etária ou sexo.

Foram trabalhados dados de fala provenientes dos municípios de Afogados da Ingazeira, Serra Talhada e Triunfo, todas cidades localizadas no sertão pernambucano. Os dados aqui analisados são parte do *corpus* disponibilizado pelo projeto *A língua falada no sertão pernambucano: uma análise sociolinguística da sintaxe das construções nominais* (Decisão CTA – UAST 103/2010), desenvolvido no período de 2010 a 2014, na UAST, sob orientação do Professor orientador Adeilson Pinheiro Sedrins.

Para a análise, foram selecionados os seguintes contextos linguísticos: a) complemento preposicionado de verbos de movimento do tipo *ir* e *chegar*, por serem contextos atestados de concorrência entre as preposições A, EM e PARA no português brasileiro (cf. RAMOS, 1989; FARIAS, 2005, entre outros).

Retomando a base do programa GOLDVARB-X, salienta-se que para que a rodada aconteça de forma satisfatória, é necessário apresentar os dados em forma de códigos, o qual deve ser iniciado pelo símbolo “(” seguido pelos caracteres selecionados para representar cada uma das variáveis. Em nossa análise, utilizou-se a seguinte base de codificação:

Variável Dependente:

Uso da preposição A: 1

Uso da preposição EM: 2

Uso da preposição PARA: 3

Variáveis independentes - linguísticas

(1) Classificação do sujeito

Sujeito [+animado]: A

Sujeito [-animado]: I

(2) Papel Temático do SP (classificação)

Locativo: L

Meta: M

(3) Traços semânticos do SP 1

[+permanência]: N

[-permanência]: O

[indefinido]: P

(4) Traços semântico do SP 2

[+definido]: +

[-definido]: -

(5) Tipo Verbal recorrente

Ir: Y

Chegar: Z

Variáveis independentes - extralinguísticas(1) Escolaridade

Ensino Fundamental: F

Ensino Médio: M

Ensino Superior: S

Outro aspecto a ser considerado para a análise são as definições de papel Temático, à exemplo da função de Locativo (presente na codificação dos dados), o qual será essencial para as discussões que serão apresentadas no capítulo que se sucede e no qual, serão apresentados os resultados referentes a análise dos dados, trazendo, pois, discussões de cunho léxico-semântico.

A seguir, será apresentado um breve histórico acerca das cidades as quais fizeram parte da pesquisa. Os dados são extraídos do site do IBGE.

3.1 Afogados da Ingazeira

Afogados da Ingazeira é um município brasileiro localizado na microrregião de Pajeú, estado de Pernambuco. Destaca-se por ser o segundo principal centro comercial do Vale do Pajeú além de ser a única cidade pernambucana com menos de 50.000 habitantes classificada

pelo IBGE como Centro Subregional B, devido sua rede de influência. Possui o terceiro maior IDH da região, somente atrás de Triunfo e Serra Talhada.

A cidade caracteriza-se como sendo polo do Sertão do Pajeú. Sendo uma das cidades mais prósperas na área de serviços, comércio e lazer da região. Sua economia historicamente, sempre teve como base a pecuária de corte (bovinocultura e caprinocultura) e a pequena agricultura, com o cultivo de milho, mandioca e frutas.

3.2 Triunfo

O município de Triunfo está localizado na parte setentrional do Vale do Pajeú e de acordo com dados do IBGE do ano de 2010, o PIB era estimado em R\$69,200 mil, sendo sua maior riqueza as atividades no setor de serviços, seguido pela agricultura e pecuária, quase empatadas.

Poucos municípios têm o privilégio de reunir tantos atrativos, a começar pelo clima, que contradiz a aridez do sertão nordestino, com temperaturas oscilantes entre 11,1 °C no inverno e 26 °C no verão. O município de Triunfo possui vegetação diferente da que predomina na região e uma variedade de lugares a se visitar sem similar em todo Sertão nordestino. Com tudo isso Triunfo passou a ser conhecida como “O Oásis no Sertão”.

3.3 Serra Talhada

Distante a 415 quilômetros da capital pernambucana, Serra Talhada é a cidade mais populosa do Sertão de Pernambuco com um total de 84.970 habitantes. A cidade é conhecida como a capital do xaxado e a terra natal do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva (Lampião). Além disso é cidade polo com destaque para a saúde, educação e comércio, bem como é a segunda cidade que mais cresce no sertão pernambucano.

4 A VARIACÃO NO USO DAS PREPOSIÇÕES A, EM E PARA COM VERBOS DO TIPO IR E CHEGAR: UM ESTUDO DE DADOS DE FALA DO SERTÃO PERNAMBUCANO

Haja vistas que as preposições A, EM e PARA desempenham funções distintas dentro do ponto de vista sintático, sendo, contudo, possível definir (segundo Cunha) uma significação fundamental, a depender do contexto em que as preposições são empregadas. Partindo desse pressuposto, foram selecionados um total de 136 ocorrências envolvendo as três preposições citadas anteriormente. Foram selecionados 6 fatores para serem analisados, partindo, pois, do pressuposto de estes são determinantes no processo de condicionamento variacionista das preposições A, EM e PARA. Observemos a tabela abaixo com os fatores selecionados:

Tabela I: Fatores contemplados na análise

Classificação do Sujeito	Agente [+animado] Agente [-animado]
Papel Temático do SP	Locativo Meta
Traços semânticos do SP 1	[+permanência] [-permanência] [indefinido]
Traços semânticos do SP 2	[+definido]: + [-definido]: -
Tipo de Verbal recorrente	IR CHEGAR
Escolaridade	Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino Superior

Partindo desses elementos, será apresentada a análise realizada no programa GOLDVARB-X, atentando para cada um dos elementos selecionados. Na análise realizada envolvendo a classificação de Sujeito, chegou-se ao seguinte resultado:

Tabela II: Classificação do Sujeito ([+animado] e [-animado])²²

SUJEITO	PREPOSIÇÕES			
	PARA (P.R.%)	A (%)	EM (%)	TOTAL (P.R. %)
[+animado]	107 (79.9)	9 (6.7)	18 (13.4)	134 (98.5)
[-animado]	2 (100)	0 (0.0)	0 (0.0)	2 (1.5) (KnockOut)
TOTAL	109 (80.1)	9 (6.6)	18 (13.2)	136 (100)

Em uma primeira impressão, observa-se que a ocorrência da preposição PARA é mais recorrente em detrimento das preposições EM e A, o que se pode configurar da seguinte forma: PARA > EM > A. Contudo, a partir dos resultados, constatou-se que o agente [+animado] é mais propício a encabeçar sintagmas onde pode ocorrer variação entre as preposições A, EM e PARA.

Um aspecto a ser ressaltado, são os traços semânticos do agente, o qual pode ser classificado como [+animado] e [-animado], o que interfere diretamente na possibilidade de haver variação entre as preposições complemento do verbo *ir*: Dessa forma, acredita-se que complementos do verbo *ir* cujo agente apresenta um traço [+animado] permitem a variação entre *a*, *para* e *em*, encabeçando seu SP (complemento):

(1) [Eu vô **ao** cinema]

Cf: Eu vou pro cinema

Cf: Eu vou no cinema

(2) [Ele vai **pros** canto mais eu]

Cf: Ele vai aos canto mais eu

Cf: Ele vai nos canto mais eu)

(3) A água que caía aqui, ela (a água) **vai pro rio**

Cf. *A água vai ao rio

Cf: *A água vai no rio

²² Os dados apresentam resultados que o programa GoldVarb-X considera sem importância (KnockOut), contudo, alguns dos resultados serão apresentados enquanto forma de dar sustentabilidade as discussões propostas neste trabalho.

Nas sentenças apresentadas acima, observa-se que (1) e (2) são construídas a partir do verbo IR, o qual seleciona dois argumentos (obrigatoriamente): o sujeito e o complemento. No primeiro caso, o agente é o pronome da 1 PS (eu) que vai a determinado lugar (cinema) – (Locativo). No segundo caso, o agente é o pronome de 3 PS que se dirige a uma Meta (cantos – sem referências fixas). Em ambas as sentenças, há a possibilidade de as preposições A, EM e PARA concorrerem entre si, com alterações léxico-semânticas, é claro. Já na sentença (3), o sujeito (a água) dirige-se ao rio (locativo), no entanto, o sujeito em questão não tem controle sobre a ação que desempenha, já que é um fenômeno da natureza, sendo, portanto, classificado como [-animado], o que também inviabiliza a concorrência entre as preposições, já que estas selecionam um sujeito [+animado]. Em linhas gerais, assume-se que contextos em que sujeitos com traço semântico [-animado] são selecionados pelo verbo ir apresentam restrição para a variação de preposições.

No outro fator observado (destino expresso pelo verbo), constatou-se que a ideia de Locativo é mais recorrente, expressando a ideia de um movimento com destino fixo, conforme pode ser observado no esquema abaixo:

Tabela III: Papel Temático do SP

PAPEL TEMÁTICO DO SP	PREPOSIÇÕES			
	PARA (P.R.%)	A (P.R.%)	EM (P.R.%)	TOTAL (P.R.%)
Locativo	84 (82.4)	7 (6.9)	11 (10.8)	102 (75)
Meta	25 (73.5)	2 (5.9)	7 (20.6)	34 (25)
TOTAL	109 (80.1)	9 (6.6)	18 (13.2)	136 (100)

Atentado para os resultados obtidos vê-se que o complemento do verbo gira em torno da ideia de Locativo, que soma um total de 75%, enquanto a Meta soma uma porcentagem de 25%. Observemos os exemplos dados abaixo:

- (4) [Quando eu vou pá pracinha]
- (5) [Quando eu vou às reuniões da academia de letras]
- (6) [(o que você gosta de fazer?)Ir num bazinho, programas culturais que tem]
- (7) [Você vem pruma festa e você vem desarmado]

- (8) [Conheço muita gente de minha sala que deixa de estuda, só deixa o caderno e vai pro bar]
- (9) [Vai fazer uns quinze dias, não, é quinze dia que eu fui puma festa]

Nos exemplos dados, observa-se que (4, 6 e 8) exprimem a ideia de locativo (praça – bar – bar, respectivamente) ao passo que (5, 7 e 9) emitem a ideia de meta (reuniões – festa – festa, respectivamente). Esse dado é importante porque através dele percebe-se o traço de [+permanência] e [-permanência] expresso pelas preposições em questão, o que me leva a hipótese de que o tempo interfere diretamente no condicionamento dado pela preposição no núcleo em que ela se encontra.

- (10) [Eu gosto também muito de ir **no** cinema]

Tempo: [-permanente]

- (11) [Eu fazia eu acredito que o que outras crianças faziam também, inventá uma dôzinha de barriga, uma dôzinha de cabeça, né coisas enfim pra não ir **pra** escola]

Tempo: [+permanente]

- (12) [Então ir **numa** pizzeria]

Tempo: [-permanente]

- (13) [Engana os pais dizendo que vão **pra** escola]

Tempo: [+permanente]

Diante disso, observa-se uma possibilidade de variação entre as preposições em questão (a, em e para) – diante de verbos de movimento na qual, a depender do contexto, pode indicar significados diferentes. Supõe-se, portanto, que a duração da ação seja o fator determinante que condiciona a variação entre as preposições, como expresso em (10, 11, 12 e 13). As ações descritas pelos falantes em (10) e (12) são classificadas como [-permanente] por configura-se um evento, cujo tempo pode ser controlado pelo agente (falante). Por outro lado, em (11) e (13), a ideia de ir à escola remete a uma ação contínua, cujo tempo não pode ser

controlado (diretamente) pelo agente (falante). Assim, assume-se que os traços [+permanente] e [-permanente] atuam diretamente na construção semântica da sentença, o que fica evidente a partir do sentido que é atribuído quando há a variação de preposição.

A partir dessa discussão, considere-se os dados apresentados na tabela abaixo:

Tabela IV: Traços semânticos do SP 1

TRAÇOS SEMÂNTICOS DO SP 1	PREPOSIÇÕES			
	PARA (P.R.%)	A (P.R.%)	EM (P.R.%)	TOTAL (P.R.%)
[-permanente]	65 (78.3)	7 (8.4)	11 (13.3)	83 (61)
[+permanente]	44 (86.3)	2 (3.9)	5 (9.8)	51 (37.5)
[indefinido]	0 (0.0)	0 (0.0)	2 (100)	2 (1.5) (KnockOut)
TOTAL	109 (80.1)	9 (6.6)	18 (13.2)	136 (100)

Por meio da análise dos resultados obtidos, vê-se que o fator [+permanente] é menor em relação ao [-permanente]. Contudo, embora possam ocupar a mesma posição sintática as preposições EM e PARA demonstram ter funções distintas, de modo a vir a apresentarem características sintático-semântico que interferem sentido que se atribui às construções sintáticas envolvendo-as, demonstrando, portanto, traços de [+permanência] ou [-permanência] (cf. FARIAS):

- (14) [Eu gostava de ir **pra** escola]
- (15) [A gente inda vê assim muitos alunos que vão **pra** aula só bagunça]
- (16) [Hoje criança com quatro, cinco anos já vai **pra** escola]
- (17) [Como é que você ia sair daqui pra ir **pro** Recife?]

Nos exemplos dados, é perceptível que as ações descritas demandam um tempo que não pode ser determinado ou controlado pelos agentes das ações descritas, de modo o tempo da ação torna-se [+permanente] (dadas as circunstâncias das ações). Contudo, a mudança da preposição PARA pela preposição EM parece desmontar o sentido atribuído inicialmente, dando uma ressignificação à sentença, conforme pode ser observado abaixo:

- (18) [Eu gostava de ir **pra** escola – Cf: Eu gostava de ir **na** escola]
- (19) [A gente inda vê assim muitos alunos que vão **pra** aula só bagunça – Cf: A gente inda vê assim muitos alunos que vão **na** aula só bagunça]

(20) [Hoje criança com quatro, cinco anos já vai **pra** escola – Cf: Hoje criança com quatro, cinco anos já vai **pra** escola]

(21) [Como é que você ia sair daqui pra ir **pro** Recife? – Cf: Como é que você ia sair daqui pra ir **pro** Recife?]

Dadas as circunstâncias, a preposição EM indica uma ação transitória, passível de controle por parte do agente. Desse modo, assume-se que essa característica ([+permanência]) indica que a preposição EM não pode aparecer em todos os contextos de variação nos quais entram o A e o PARA, mesmo diante de um verbo de movimento, ou seja, o fato de uma ação indicar [+permanência] inviabiliza o uso do *em*, uma vez que esta demonstra traços de uma permanência menor, podendo, portanto, comprometer a significação.

Com isso, coloca-se em discussão o tópico preestabelecido de que as preposições A, EM e PARA nem sempre podem concorrer entre si, mesmo diante de verbos de movimento e sob esta constatação, acredita-se que o tempo é o fator que determina essa possibilidade, de modo que, sob o modo [+permanente] impossibilita a variação entre as três preposições, sem que haja alteração no significado da sentença.

(22) [Naquele momento as oportunidades que as pessoas tinham aqui era ou ir **pra** Arcoverde]

(23) [E outros iam **pro** Recife]

(24) [Eu fui **pra** Brasília]

(25) [As meninas vão **pra** rua solta]

Assumindo-se, pois, que esse traço semântico é determinante, é importante salientar que essa variação se dá mediante verbos de movimento, de modo que faz-se necessário que o sujeito seja [+animado] para que o complemento seja definido com maior clareza, do contrário, não é possível definir a natureza da ação, o que gera KnockOut nos resultados, a exemplo dos dois dados nos quais o sujeito da oração é a “água”, o que impossibilita definir se a ação é [+permanente] ou [-permanente]. Dessa forma, visando definir a natureza da ação desempenhada pelos sujeitos, analisam-se os traços [+definido] e [-definido], conforme pode ser observado no quadro abaixo:

Tabela V: Traços semânticos do SP 2

TRAÇOS SEMÂNTICOS DO SP 2	PREPOSIÇÕES			
	PARA (P.R.%)	A (P.R.%)	EM (P.R.%)	TOTAL (P.R.%)
[-definido]	44 (73.3)	5 (8.3)	11 (18.3)	60 (44.1)
[+definido]	65 (85.1)	4 (5.3)	7 (9.2)	76 (55.9)
TOTAL	109 (80.1)	9 (6.6)	18 (13.2)	136 (100)

A partir dos resultados, constata-se que a preposição PARA aparece nos dois cenários ([+definido] e [-definido]) de forma bastante significativa, o que remete às seguintes hipóteses: (i) o traço semântico [-definido] atrelado ao traço de [-permanente] parece favorecer a variação entre as preposições A, EM e PARA; (ii) os traços semânticos [+definido] e o [+permanente] comprometem a possibilidade de as preposições A, EM e PARA concorrerem entre si com o mesmo peso semântico.

Visando contemplar também o papel desempenhado pelo núcleo verbal e tendo elegido verbos *ir* e *chegar* para a nossa pesquisa, apresenta-se abaixo o quantitativo referente ao uso de cada um deles nos contextos que foram analisados:

Tabela VI: Tipo verbal recorrente

TIPO VERBAL RECORRENTE	PREPOSIÇÕES			
	PARA (P.R.%)	A (P.R.%)	EM (P.R.%)	TOTAL (P.R.%)
Ir	108 (80.0)	9 (6.7)	18 (13.3)	135 (99.3)
Chegar	1 (100.0)	0 (0.0)	0 (0.0)	1 (0.7)
TOTAL	109 (80.1)	9 (6.6)	18 (13.2)	136

Os verbos em questão foram selecionados não só por indicarem movimento, mas por expressarem uma ação quase simultânea: quem vai chega em algum lugar, o que categoriza as ações desempenhadas e analisadas pelos agentes envolvidos (no ato de fala) nas ações. Observemos os exemplos abaixo:

- (26) a) [Durante a semana eu sempre vou **pra** eventos]
 b) Cf: Durante a semana eu sempre vou **à** eventos
 c) Cf: Durante a semana eu sempre vou **em** eventos
- (27) a) [Mas sempre ino **no** colégio]
 b) Cf: Mas sempre ino **pro** (para o) colégio

- c) Cf: Mas sempre ino **ao** colégio
- (28) a) [Eu também gosto de ir **ao** cinema]
 b) Cf: Eu também gosto de ir **no** cinema
 c) Cf: Eu também gosto de ir **para o** cinema
- (29) a) [Quando eu chego **pa** escola eu já chego cansado]
 b) Cf: Quando eu chego **na** escola eu já chego cansado
 c) Cf: Quando eu chego **à** escola eu já chego cansado

Observa-se que verbos de movimentos (ir e chegar) são mais propícios à variação entre essas três preposições (a, em e para), de tal forma que é possível a sua produção, principalmente em contextos de fala. No entanto, embora seja possível a concorrência entre as três preposições (*a*, *em* e *para*), advoga-se aqui que, a mudança de uma por outra provoca mudanças semânticas significativas:

- (30) [Durante a semana eu sempre vou **pra** eventos – Cf: à/ em]
 (31) [Vou **pra** escola– Cf: à/ em]
 (32) [Mais eu gosto mais de ir **pro** sítio é bom– Cf: à/ em]
 (33) [Eu vô **ao** cinema– Cf: para/ em]
 (34) [Quando eu chego **pá** escola eu já chego cansada– Cf: à/ em]
 (35) [Ai vô **pra** roça– Cf: à/ em]

Em (30), a mudança de uma preposição pelas outras não parece provocar mudanças semânticas (Cf: Durante a semana eu sempre vou **em/a/para** eventos). Por outro lado, em (31, 32, 33, 34 e 35) a mudança de preposição por outra causa também uma mudança semântica no significado (Cf Vou **pra/na/à** escola), o que leva a hipótese de que complementos cuja finalidade seja Meta ou cuja ação seja [-permanente] torna possível a variação entre as preposições A, EM e PARA, que é o que ocorre no exemplo (30). Observemos os dados abaixo:

- (36) [Eu gostava de ir **pra** escola]
 Cf: Eu gostava de ir **à** escola
 Cf: Eu gostava de ir **na** escola
- (37) [A gente inda vê assim muitos alunos que vão **pra** aula só bagunça]

Cf: A gente inda vê assim muitos alunos que vão **à** aula só baunça

Cf: A gente inda vê assim muitos alunos que vão **na** aula só bagunça

(38) [Hoje criança com quatro, cinco anos já vai **pra** escola]

Cf: Hoje criança com quatro, cinco anos já vai **à** escola

Cf: Hoje criança com quatro, cinco anos já vai **na** escola

(39) [Como é que você ia sair daqui pra ir **pro** Recife?]

Cf: Como é que você ia sair daqui pra ir **ao** Recife?

Cf: Como é que você ia sair daqui pra ir **no** Recife?

Atentando para o significado semântico-lexical da sentença acima, haja vista que só por meio da observação acerca do significado da oração é que é possível inferir se há ou não mudança na semântica, observa-se que o ir para escola e o ir para a aula (36, 37 e 38), embora sejam ações com tempo determinado, repetem-se, ou seja, trata-se de uma permanência que ocorre continuamente, caracterizando a ação como sendo de [+permanência]; o mesmo traço se aplica em (39), onde nota-se que o ir para Recife, que não se trata como sendo apenas a passeio, mas para morar (no contexto em que fora produzido, o informante referia-se a possibilidade de prosseguir os estudos e as alternativas que eram oferecidas, no caso, ir morar em Recife).

Por outro lado, traço [-permanência] parece associar-se a um espaço de tempo mais curto e realizado de forma não rotineira, conquanto, implicando, pois, um comportamento semântico no qual é permitida uma mudança entre as preposições sem mudanças de significado. Atentemos para os dados abaixo:

(40) a) [Durante a semana eu sempre vou **pra** eventos]

b) Cf: Durante a semana eu sempre vou **à** eventos

c) Cf: Durante a semana eu sempre vou **em** eventos

(41) a) [Tem que ir **na** casa de um, de outro]

b) Cf: Tem que ir **pra** casa de um, de outro

c) Cf: Tem que ir **a** casa de um, de outro

(42) a) [Vou **no** sítio]

b) Cf: Vou **pro** sítio

c) Cf: Vou **ao** sítio

(43) a) [Se eu pudesse eu ia várias vezes na semana **no** abrigo dos velhinhos em Serra Talhada]

b) Cf: Se eu pudesse eu ia várias vezes na semana **pro** abrigo dos velhinhos em Serra Talhada

c) Cf: Se eu pudesse eu ia várias vezes na semana **ao** abrigo dos velhinhos em Serra Talhada

(44) a) [Se você for **em** meu sítio]

b) Cf: Se você for **pro** meu sítio

c) Cf: Se você for **ao** meu sítio

Como descrito anteriormente, a preposição PARA aparece com maior recorrência em contextos cujo complemento é Locativo, contudo, é possível a preposição EM também apareça sob este fator, implicando, pois, na possibilidade de haver variação sem alterações no significado das sentenças. Essas ações, no entanto, caracterizam-se como sendo [-permanente], ou seja, são ações que não foram caracterizadas como rotineiras, como pode ser percebido em (40), ação que se dá de acordo com as circunstâncias extrínsecas ao falante, sendo portanto, um ato eventual e não rotineiro; em (41) onde o ato de ir na casa de um ‘amigo’ também configura-se um evento (dado o contexto de fala do informante que referia-se a dificuldade de se comunicar com os amigos em épocas passadas, tempos em que moravam distantes um do outro) que não ocorre diariamente; Em (42 e 44) onde o ato de ir no sítio se dá de forma eventual, a passeio, não sendo, portanto, uma ação que possa se caracterizar como [+permanente]; o mesmo fato se aplica à (43), cuja ação ocorre com menos frequência do que as apresentadas em (36, 37, 38 e 39).

A priori, a mudança semântica se dá em decorrência da alternância da preposição EM, que parece trazer traços semânticos que alteram o sentido da frase, o que leva ao pressuposto de que as preposições A/PARA compartilham de traços [+permanente] enquanto que a preposição EM apresenta traços [-permanente], o que pode ser evidenciado nos exemplos que foram apresentados. Observemos os resultados obtidos logo abaixo:

Tabela VII: Relação entre o complemento do SP e os traços semânticos [+permanente] e [-permanente]²³

Complemento		LOCATIVO	META	TOTAL (P.R.%)
Traço semântico				
[-permanente]	PARA	41 (82.)	24 (73.)	65 (78.)
	A	5 (10.)	2 (6.)	7 (8.)
	EM	4 (8.)	7 (21.)	11 (13.)
TOTAL		50	33	83
[+permanente]	PARA	43 (86.)	1 (100.)	44 (86.)
	A	2 (4.)	0 (0,0)	2 (4.)
	EM	5 (10.)	0 (0,0)	5 (10.)
TOTAL		50	1	51

Atentando para a primeira parte da tabela, observa-se que o complemento Locativo seleciona os traços semânticos [-permanente] e [+permanente], ao passo que o complemento Meta seleciona o traço [-permanente] o que leva a hipótese de que esses dois traços favorecem a variação entre as preposições A, EM e PARA. Acerca dessa afirmativa, ressalta-se que o favorecimento de um espaço em detrimento de outro se dá devido os traços [+determinado] e [-determinado], cuja relação pode ser observada no quadro abaixo:

Tabela VIII: Relação entre o complemento do SP 2 e Complemento do SP 2

Complemento		LOCATIVO	META	TOTAL (P.R.%)
Traço semântico 2				
[-definido]	PARA	20 (74.)	24 (73.)	44 (73.)
	A	3 (11.)	2 (6.)	5 (18.)
	EM	4 (15.)	7 (21.)	11 (18.)
TOTAL		27	33	60
[+definido]	PARA	64 (85)	1 (100.)	65 (86.)
	A	4 (5.)	0 (0.)	4 (5.)
	EM	7 (9.)	0 (0.)	7 (9.)
TOTAL		75	1	76

Observando os resultados que foram gerados, constata-se que o espaço [+definido] seleciona o complemento Locativo, sendo a preposição PARA mais utilizada neste contexto

²³ Não apresentou-se os dados referente ao traço [indefinido] por ter sido considerado irrelevante tanto pelo programa quanto para a discussão que se levanta aqui, haja vista que o que se propõe é apresentar a relevância dos traços [+permanente] e [-permanente].

(85%) ao passo que o traço [-definido] seleciona tanto o complemento Locativo quanto Meta, com destaque também para a preposição PARA que é mais recorrente (74% e 24% respectivamente).

No quadro abaixo, apresenta-se os resultados referente ao cruzamento dos traços semânticos [+permanente] e [-permanente] e [+definido] e [-definido]:

Tabela IX: Relação entre os traços semânticos [-permanente] e [+permanente] e [-definido] e [+definido]

Traço semântico 1 Traço semântico 2		Traço semântico 1		TOTAL
		[-permanente]	[+permanente]	
[-definido]	PARA	39 (75.)	5 (83.)	44
	A	4 (8.)	1 (17.)	5
	EM	9 (17.)	0 (0.0)	9
TOTAL		52	6	58
[+definido]	PARA	26 (84.)	39 (87.)	65
	A	3 (10.)	1 (2.)	4
	EM	2 (6.)	5 (11.)	7
TOTAL		31	45	76

Neste cenário, observa-se que a relação espaço e tempo são convergentes com a hipótese de que os traços [-permanente] e [-definido] viabilizam o processo de concorrência entre as preposições A, EM e PARA. Soma-se aqui um total de 52 ocorrências.

No que se refere aos traços [+permanente] e [+definido] somam um total de 45 ocorrências, com destaque para o uso da preposição PARA (87%).

Os resultados referentes aos traços [+definido] e [-permanente] também é significativo e muito embora não contemple as hipóteses levantadas nesta pesquisa é necessário fazer respaldo, aos resultados gerados (31 ocorrências), o que impulsiona a necessidade de uma análise mais expressiva de dados que atestem mais fielmente as hipóteses aqui levantadas.

Mediante os resultados obtidos, ressalta-se que a preposição EM só varia entre preposições A e PARA diante verbos de movimento que refiram-se a uma meta ou que tenham traços [-permanente] e cujo espaço seja [-definido], o que acaba por condicionar a concorrência entre as preposições A, EM e PARA.

Nos exemplos dados em (40, 41, 42, 43 e 44) nos quais aparece a preposição EM ou cujo traço é [-permanente] observa-se que pode haver variação entre as preposições – *a*, *em* e *para* –, de modo a não provocar nenhuma mudança semântica.

Logo, entende-se que em contextos de [+permanência] e espaços [+definido] apenas a preposição PARA e A podem competir (mesmo diante de verbos de movimento) e em contextos de [-permanência] e espaços [-definido] há a variação entre as três preposições.

Semanticamente, verbos de movimento requerem pelo menos 2 argumentos, conforme pode ser observado abaixo:

Argumento 1 (agente) – **VERBO** – Argumento 2 (completo locativo ou meta)

Conforme o tipo de verbo (elegeu-se aqui verbos de movimento) há a necessidade de um sujeito (ocupando a periferia esquerda do verbo) e um complemento verbal. Essa necessidade dar-se pela transitividade do verbo, logo, é necessário a presença desse segundo argumento (complemento) para completar o verbo – em se tratando de escrita, essa complementação verbal é mais recorrente do que na fala. Logo, trata-se de um aspecto cuja função é preestabelecida pelo verbo que atua como núcleo da oração, de modo estabelecer ou não a necessidade de um complemento – o que ocorre, necessariamente diante verbos transitivos.

Discutiu-se até então fatores linguísticos que podem favorecer o uso de determinadas preposições em detrimento das outras, contudo, é importante ressaltar que fatores externos à língua podem condicionar a variação entre o fenômeno analisado. Tendo em vista a pesquisa realizada e a análise feita, elegeu-se o fator escolaridade como sendo determinante no processo de variação entre as preposições A, EM e PARA. Os níveis de ensino correspondem ao Fundamental, Médio e Superior, conforme pode ser observado os resultados no quadro que se segue:

Tabela X: Fator escolaridade²⁴

ESCOLARIDADE	PREPOSIÇÕES			
	PARA (P.R.%)	A (P.R.%)	EM (P.R.%)	TOTAL (P.R.%)
Ensino Médio	36 (75.)	7 (14.6)	5 (10.4)	48 (35.3)
Ensino Superior	12 (70.6)	1 (5.9)	4 (23.5)	17 (12.5)
Ensino Fundamental	61 (85.9)	1 (1.4)	9 (12.7)	71 (52.2)
TOTAL	109 (80.1)	9 (6.6)	18 (13.2)	136

²⁴ Os fatores sexo e faixa etária foram excluídos por não haver nenhum indício de que podem influenciar no uso da preposição PARA em contextos de fala.

Atentando para os resultados, observa-se que os sujeitos que possuem o ensino superior fizeram uso da preposição PARA em apenas 12 ocorrências; por outro lado, os indivíduos que possuem o ensino médio fizeram uso do para em 36 ocorrência ao passo que as pessoas que possuíam apenas o ensino fundamental fizeram uso da preposição PARA em 61 ocorrências.

Outro aspecto importante é o uso da preposição A que, ao contrário do que se esperava, mostrou-se mais recorrente entre os sujeitos que possuem o nível médio (7 ocorrências); quanto ao uso da preposição EM, mostrou-se mais expressivo entre os indivíduos que possuem o nível fundamental (9 ocorrências).

A partir dos resultados, constata-se que, quanto maior a escolaridade, menos o falante fará uso da preposição PARA em contextos de interação oral, o que se deve a apropriação linguística da norma padrão da língua. Isso no entanto, não implica dizer que pessoas mais escolarizadas não recorrem aos artifícios da língua oral, apenas que estes atentam mais para o uso da norma padrão da língua.

Adiante, serão feitas algumas considerações acerca da pesquisa realizada, atentando para as constatações realizadas e os fatores que condicionam o processo de variação entre as preposições A, EM e PARA diante de verbos de movimento do tipo IR e CHEGAR.

5 CONCLUSÕES

Considerando os dados e os contextos analisados (diante de verbos de movimento do tipo ir e chegar) constatou-se que a preposição PARA é mais recorrente em contextos de fala. Sobrepondo as preposições A e EM. Para tanto, partiu-se de uma análise acerca dos elementos léxico-semântico que compõe as sentenças, evidenciando-se que os traços [+permanente] e [-permanente], assim como a ideia de Locativo e Meta e os espaços [+definido] e [-definido] são determinante durante o processo de variação. Os primeiros traços são considerados por revelarem a natureza flexível das preposições que desempenham papéis distintos dentro de determinados contextos (de fala), o que confirmou a hipótese de que os traços [+permanente] e [+definido] selecionam contextos que possibilita a variação entre as preposições A e PARA sem perdas semânticas. Nesse contexto, foram considerada as ações que aconteciam de forma rotineira/ cotidiano. Para o traço [-permanente] e [-definido] elegeram-se as ações que aconteciam de forma eventual, ou seja, não eram ações que aconteciam no dia-a-dia e que, portanto, selecionavam as três preposições (A, EM e PARA).

Quanto ao Locativo, considerou-se os contextos em que as ações descritas eram/ foram destinadas a um local fixo (escola); Já para a Meta, elencou-se as atividades cujo destino mostrava-se incerto (festas, eventos), o que possibilitou observar os contextos que propiciam a variação entre as preposições, sendo, portanto, definidor do uso preposicional.

Partindo desse pressuposto, assume-se que sentenças que apresentam o traço [-permanente] e têm como complemento Meta possibilitam a variação entre as preposições A, EM e PARA. Por outro lado, sentenças que apresentam o traço [+permanente] e cujo complemento é Locativo inviabilizam o processo de variação que oferecer perdas semânticas à sentença. Contudo, é necessário ressaltar que tal afirmação parte da análise realizada a partir de critérios que foram eleitos como mais importantes.

Outro fator considerado foi a escolaridade, o que evidenciou que quanto maior o nível de escolaridade, maior será a probabilidade deste falante fazer uso das regras padrão da língua, o que leva a hipótese de que há um processo de concorrência entre as três preposições, motivada pelos fatores linguísticos e extralinguísticos como os discutidos no presente trabalho.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. **Língua:** modalidade oral/escrita. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40355/1/01d17t04.pdf>>. Acesso em: 20/01/2016
- CANÇADO, M. 2000. **O Lugar da Semântica em uma Teoria Gramatical.** *Estudos Linguísticos* 29: 67-78.
- CANÇADO, M. **Argumentos: Complementos e adjuntos.** Alfa, São Paulo, 53 (1): 35-59, 2009
- CANÇADO, M. **Introdução à semântica lexical:** papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados / Márcia Cançado, Luana Amaral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- CANÇADO, M. **O papel do léxico em uma teoria dos papéis temáticos.** D.E.L.T.A., Vol. 16, N.º 2, 2000 (297-321).
- CANÇADO, M. **Posições argumentais e Propriedades semânticas.** D.E.L.T.A., 2005.
- CANÇADO, M. Um estatuto teórico para os papéis temáticos IN Semântica formal /Ana Lúcia Muller et al (orgs). São Paulo: Contexto, 2003.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.
- CÔRREA, R. CANÇADO, M. **Verbos de trajetória do PB:** uma descrição sintático-semântica. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 371-404, jul./dez. 2006.
- CUNHA, C. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- FARIAS, J. G. **Sobre a Natureza categorial das preposições a, para e em em contextos estruturais com verbos do tipo ir e chegar:** item lexical ou funcional? IN Reflexões sobre a sintaxe do português – Denilda Moura, Jair Farias (organizadores). Maceió: EDUFAL, 2005, p. 123- 157.
- FARIAS, J. G. **Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu:** algumas notas. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/589/420>>. Acesso em: 20/01/2016.
- FRANCHI, C. CANÇADO, M. **Teoria generalizada dos Papéis Temáticos.** Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v.11, n.2, p.83-123, jul./dez. 2003.
- GODOY, L. **Preposições e os verbos transitivos indiretos:** Interface sintaxe-semântica lexical. Revista da ABRALIN, v. 7, n. 1, p. 49-68, jan./jun. 2008.
- IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=261570>>.
- KEWITZ, V. **Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no Português Brasileiro (séculos XIX e XX).** São Paulo, 2007. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-01122009-101905/publico/VERENA_KEWITZ.pdf>

MARTINS, D. M. **O processo de gramaticalização nas preposições**. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/10935/8207>>. Acesso em 23/08/2018.

OLIVEIRA, G. P. **A variação das preposições “PARA” e “A” na fala de Uberaba e Montes Claros**. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp146633.pdf>>.

RAMOS, J. **O emprego de preposições do Brasil**. IN: TARALLO, F. (org). Fotografias sociolinguísticas. Campinas, SP: Pontes, UNICAMP, 1989.

RIBEIRO, A. J. C. Variação e funcionalidade no uso de preposições e a regência do verbo ir na fala carioca IN **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: Uma homenagem acadêmica – Sebastião Votre, Cláudia Roncarati** (organizadores). Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 87- 94.

ROSÁRIO, I. C. **Preposições – Itens destituídos de significado?** Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/iii/completos/comunicacoes/ivodacosta.pdf>>. Acesso em 23/08/2018.

SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. Teoria da Variação e Mudança Linguística. In: COSTA, J. F. C.; SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. (orgs.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011.

SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. Uma rodada no Goldvarb X. In: COSTA, J. F. C.; SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. (orgs.). **Variação e mudança linguística no estado de Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011.

SIMIÃO, L. K. R. **Uma abordagem ecolinguística das preposições portuguesas**.

Disponível em:

<<http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/viewFile/263/173>>. Acesso em 23/08/2018.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1986.

VIEIRA, M. J. B. **Variação das preposições em verbos de movimento**. SIGNUM: Est. Ling., Londrina, 2009.

ANEXOS/ APÊNDICE

CODIFICAÇÃO E DADOS ANALISADOS

- (3ALO-YM [Quando eu vô **pá** pracinha]
- (1ALO+YM [Eu vou **ao** cinema]
- (1ALO+YM [Eu também gosto de ir **ao** cinema]
- (1AMO-YM [Quando eu vou **às** reuniões da academia de letras]
- (3ALN+YM [Eu gostava de ir **pra** escola]
- (1ALN+YM [Cada vez que eu ia **a** escola era um aprendizado novo]
- (3ALN+YM [Então eu já ia **pra** escola com essa intenção mesmo de buscar o novo]
- (3ALN+YM [Eu ia **na** escola com ânsia de aprendê]
- (1ALO-YM [vai **à** praça, (vai) jantar fora]
- (1ALN-YM [Meu pai, a gente, ele ia **pra** roça, né]
- (3ALO-YM [(ir) **pra** alguma cidade aqui da região]
- (3ALN+YS [Eu fazia eu acredito que o que outras crianças faziam também, inventá uma dôzinha de barriga, uma dôzinha de cabeça, né coisas enfim pra não ir **pra** escola]
- (3ALN+YS [naquele momento as oportunidades que as pessoas tinham era aqui ou ir **pra** Arcoverde]
- (3ALN+YS [ou ir **pra** Serra Talhada]
- (3ALN+YS [Agora que as pessoas iam mais **pra** Arcoverde]
- (3ALO+YS [Tem que ir **na** casa de um, de outro]
- (2AMO-YM [Aí vamo **pra** tal canto, aí vamo]
- (3AMO-YM [a gente ir **pra** festa]

(3ALN+YM [minha mãe já era quem ensinava a gente já incentivava a gente a ir **pra** escola]

(3ALO+YM [Minha festa é quando eu ia **pra** igreja]

(3ALO+YM [É pra (NV) conversa tinha que ir **pras** casa das pessoas]

(3ALO+YF [mais antigamente a gente tinha que ir **na** casa da pessoa]

(3AMO-YF [que tinha muita coisa aí a gente ia **prás** frutêra]

(2ALO-YF [As vezes a gente vai **pra** praça]

(3ALO+YF [E vai **pro** restaurante]

(3ALO+YF [Um dia nós fomo **prum** restaurante]

(3ALN+YF [Até chegá a hora de eu ir **pra** escola]

(3ALO+YF [Eu só fui uma vez **pra** casa de Lorena]

(3ALO-YF [Aí tem vezes que a gente vai **pro** circo e é muito legal]

(3ALO+YF [aí num dá pá (NV) ir **pra** biblioteca]

(3ALO-YF [Ah, a gente vai **pra** praça]

(3ALN+YF [Ah! Porque é muito bom, quando a gente vai **pra** escola]

(3ALO-YF [Vou **no** sítio]

(3ALO-YF [Vou **em** outra cidade]

(2ALP-YF [A água que caía aqui ela vai **po** rio]

(2ALP-YF [Então tudo isso aí aumenta o fluxo de água que vai **pro** rio]

(3IMO+YF [Então ir **numa** pizzeria]

(3IMO-YF [E pro sito também, é bom vou muito **pro** sito passa o dia por lá]

(2ALO-YF [Ia **na** beira do riacho, tirava barro e fazia as panelinha de barro]

(3ALN+YF [Ia **pra** escola]

(2ALN+YF [Home vão **pá** escola]

(3ALN+YF [Faça isso não vão **pá** escola]

(3ALN+YF [Pode ir **pros** Estados Unido]

(3ALN+YF [Pode ir **pro** Japão, mais quando a raiz da gente, a gente num consegue deixa não]

(3ALN+YF [Aí quando a pessoa vai **pá** escola a mente tá mais rápida, mais desenvolvida, tá mais prática]

(3AMO-YF [Conversava e se fosse **pra** algum lugá, você diz assim comunicá da fala]

(3AMO-YF [Conversando ou pra ir chamá o outro pá ir **pra** algum lugá]

(3ALO+YF [Daqui dois ano eu vou **pá** Brasília visitá minha mãe]

(3ALO+YF [Eu tenho vontade de ir **pra** Brasília visitá minha irmã]

(3ALO+YF [/Se eu morasse se eu fosse pra mais que nem eu já fui **pra** Recife]

(3ALN+YF [Vamo supô a gente vai **pá** São Paulo]

(3ALN+YF [Caso você ir **pra** São Paulo]

(3ALN+YF [Ou ir **pra** Recife]

(3ALN+YF [Ir **pra** Brasília]

(3ALO+YF [**Pra** restaurantes - - também gosto de visitá os meus parentes]

(3ALO-YF [Também gosto de ir **pra** piscina]

(3ALO+YF - [/Não porque é como eu tô num - numa sala aonde tem muitos professores(NV)/ aí num dá pra ir **pra** biblioteca assim muito não]

(3ALO+YF [Eu gosto também muito de ir **no** cinema]

(3ALO+YF [(Ir) **Ao** cinema?]

(3AMO-YF [/As vezes (NV)/ eu vou **à** festa de emancipação]

(1ALO+YF [Antigamente era bom, antigamente qualqué coisa a gente ia **pra** rodoviária]

(1ALO-YM [/As vezes (NV)/ quando minha filha vem, é que eu vou **na** praça]

(3ALN+YM [E outros iam **pro** Recife]

(2ALN+YM [A gente inda vê assim muitos alunos que vão **pra** aula só bagunça]

(3ALN+YM [E eu me sentia assim eu ia **pra** aula, lá eu me encontrava com meus amigos]

(3ALO+YM [Muitas vez tinha dois, três horário vago, a gente ia **no** cinema]

(3ALN+YM [E tem alguns colegas meus que eu vou **na** escola]

(2AMO-YM [Pra /ir **pra** rua e a gente vai]

(2AMO-YF [Olha - ir **pra** algumas feirinhas, algumas festas a gente vai brincando, passeando]

(3AMO-YF [/As vezes eu vou **pra** natação]

(3ALN+YF [Tem vez que eu vou lá **pra** escola, porque tem vez que tem umas festinha lá das criança e tem vez que sim e tem vez que não]

(3ALO-YF [Mais eu gosto mais de ir **pro** sítio é bom]

(2AMO-YF [Posso ir **pro** rio mais minha vó]

(3AMO-YF [Tem vez que eu vou **pra** rua mais meu ti]

(2AMO-YS [E também eu **vou** pra rua]

(2ALO+YS [Ir **num** bazinho, programas culturais que tem]

(2ALO+YS [Sim. **No** Guarani]

(3ALO+YS [**Na** fábrica]

(3AMO-YS [Você vem **pruma** festa e você vem desarmado]

(3ALO-YS [Ia **pro** sítio da minha vó]

(3ALN+YS [Você era obrigado a ir **pra** escola todo dia]

(2ALN+YM [Como é que você ia sair daqui pra ir **pro** Recife?]

(3ALO+YM [Se eu pudesse eu ia várias vezes na semana **no** abrigo dos velhinhos em Serra Talhada]

(2ALN+YM [Porque eu ia **pra** escola com meus dois irmãos]

(3ALN+YM [Aí depois a gente ia **na** escola]

(3ALN+YM [Aí eu fui **pra** escola assim mesmo]

(3ALN+YM [Aí fiquei já na hora de ir **pra** escola]

(3ALN+YF [Meu pai nunca deixou a gente ir um dia **pra** escola sem lanche]

(3AMO-YM [Ele vai **pros** canto mais eu]

(3AMO-YM [A gente ia **pro** trabalho dela só buscar ela mesmo]

(3ALO-YM [Sem precisar ir **pra** outras cidades]

(3ALN+YM [Na hora da escola ele mandava eu ir **pra** aula]

(3ALN+YM [Deixava o trabalho e ir **pra** aula estudar]

(3AMO-YF [Tinha as pessoas com quem (ia) **pros** lugares]

(3ALN+YF [Vou **pra** Brasília]

(3ALO+YF [**Em** Serra (já fui)]

(3ALO-YF [**Pra** todo canto que eu ia]

(3ALN+YF [Foi muito boa! Ia **pra** escola né!?!]

(3AMO-YF [A gente ia **pras** festas]

(2ALN+YF [Tinha que ir **pra** escola]

(3ALO-YF [Se você for **em** meu sítio]

(2AMO-YF [Que a gente ia **pra** aqueles canto]

(3ALN-YS [A gente ia **nas** roças, trabalhando]

(1AMO-YS [Eu vou **pras** festas]

(2AMO-YS [Vou **a** todas (festas), a que tiver eu to lá]

(3ALO+YS [Já fui **em** Garanhuns]

(3ALO+YS [Eu ia **pra** casa do menino]

(3ALO-YM [Depois de grande comecei a ir **pra** praça]

(3AMO-YM [Durante a semana eu sempre vou **pra** eventos]

(3AMO-YM [Mas eu sempre vou (eventos), assim, **pra** maioria]

(3AMO-YM [A gente num sai de Triunfo pra ir **pra** uma festa]

(3AMO-YM [Você não sai pra ir **pra** uma festa que você não gosta]

(3AMO-YM [Eu sempre ia **pras** festas com mainha]

(3AMO-YM [Painha nunca foi de ir **pra** festa]

(3AMO-YM [Porque a gente vai muito **pra** evento do SESC]

(3AMO-YM [Aí nós fomos **pra** o Sonora Brasil]

(3AMO-YF [Nós inventamos de ir **pra** um espetáculo]

(3ALO-YF [**Pro** sítio (ir)]

(3ALN+YM [Vou **pra** escola]

(3ALN+ZM [Quando eu chego **pa** escola eu já chego cansada]

(3ALO+YF [Conheço muita gente de minha sala que deixa de estuda, só deixa os caderno e vai **pro** bar]

(3ALN+YF [Quando eu levanto eu arrumo o menino pa ir **para** a escola]

(3ALN-YF [Faço café, ai vou **pra** roça]

(3ALN+YF [Na minha juventude só tinha aula de dia ai eu, num tinha tempo de ir **pra** escola]

(3ALO+YF [Nós vamos **pra** casa de um colega]

(3ALO+YF [Vô **pra** casa de minha mãe]

(3AMO-YF [Vai fazer uns quinze dias, não, é quinte dia que eu fui **puma** festa]

(3ALN-YF [Eu ia **pra** roça limpar mato mais pai e mãe]

(3ALN+YF [Em a tarde a gente chegava, ia **pra** escola]

(3AMN-YF [Eu trabalho de tarde, ai vô **pro** trabalho]

(3ALO+YF [Domingo de noite eu num faço nada, fi, eu vô **pra** casa da minha mãe]

(3ALN+YF [Incentivo todo dia para ir **pro** colégio]

(3ALN+YF [Mas sempre **ino** pro colégio]

(3ALN-YM [Bom, de manhã eu ajudo meu irmão, vô **pro** sítcho, ajudo ele e volto só]

(3ALO-YM [Foi o aniversário da minha mãe, que a gente foi **pro** sitio]

(3ALO-YM As vezes, assim, vô **pro** sitio]